

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA - POSLA**

ROMI GLÄSER

ANÁLISE DO DICIONÁRIO *ONLINE* “LEO”: UMA ABORDAGEM HIPERMODAL



**FORTALEZA - CEARÁ
2011**

ROMI GLÄSER

ANÁLISE DO DICIONÁRIO *ONLINE* “LEO”: UMA ABORDAGEM HIPERMODAL

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes

**FORTALEZA – CEARÁ
2011**

G519a Gläser, Romi

Análise do dicionário online "Leo": uma abordagem
Hipermodal / Romi Gläser – Fortaleza, 2011.
107p.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.
Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) –
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Dicionário online 2. Metalexigrafia 3. Hipermodalidade
I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 410

ROMI GLÄSER

ANÁLISE DO DICIONÁRIO ONLINE “LEO”: UMA ABORDAGEM HIPERMODAL

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Antonio Luciano Pontes

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará

Júlio César Rosa de Araújo

Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo (Primeiro examinador)
Universidade Federal do Ceará

Antônia Dilamar Araújo

Prof.^a Dra. Antônia Dilamar Araújo (Segunda examinadora)
Universidade Estadual do Ceará

AGRADECIMENTOS

Ao Deus único, por me abençoar com o ingresso no Mestrado e por me dar capacidade para concluí-lo.

Aos meus pais, Helmar (*in memoriam*) e Gertrudes, pelo amor, dedicação e sacrifício que me deram condições de seguir por este caminho.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro necessário para a realização desta pesquisa.

Aos irmãos em Cristo Jesus, Vera e Gerhard, pelo incentivo e por me trazerem a Palavra.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes, pela paciência, sabedoria, encorajamento e por acreditar em meu trabalho.

Aos professores, Dr. Júlio C. R. de Araújo e Dra. Antônia Dilamar Araújo pelas sugestões mais que úteis.

Aos membros do Grupo de Pesquisa LETENS (Jamyle, Grayce, Edna, Claudia Régia, Wagner, Hugo, Edmar) que muito me ajudaram e ensinaram e, à Claudia, secretária do POSLA, por sua paciência, apoio e amizade.

Aos colegas da turma de Mestrado de 2009 que trilharam esse caminho comigo e que inúmeras vezes trouxeram palavras de apoio e consolo.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar a natureza hipermodal do dicionário bilíngue *online* LEO: <http://dict.leo.org/>, a partir da relação de seus aspectos estruturais com o recurso semiótico organizacional e suas funções comunicativas para a construção de sentido e adaptação da estrutura lexicográfica ao novo meio. Diante da constatação do caráter interativo e multimodal dessa ferramenta, procurou-se colaborar para a expansão dos estudos da Metalexigrafia sob a perspectiva da semiótica social, mais especificamente, à luz dos pressupostos da hipermodalidade. Portanto, o percurso teórico-metodológico desta pesquisa inicia-se, num primeiro momento, com uma discussão sobre as definições e as características do dicionário, sobre o léxico e algumas de suas disciplinas, entre as quais está a Metalexigrafia, disciplina que contempla a teoria da organização do trabalho lexicográfico em seu campo de estudos. Nesse âmbito, foram apresentadas as estruturas que compõem um dicionário: a megaestrutura (composta pelos textos externos em conjunto com a nomenclatura, chamada de macroestrutura); a medioestrutura (referente ao sistema de remissões); e a microestrutura (referente às informações lexicográficas da palavra-entrada). Num segundo momento, são apresentados aspectos que fazem do dicionário em geral um texto multimodal e, na sequência, discorre-se sobre as teorias relevantes da semiótica social, como a Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana, os estudos sobre a gramática do visual e a hipermodalidade. Conduz-se, também, uma revisão bibliográfica sobre a história e conceituações do hipertexto, uma vez que esse suporte está envolvido nos estudos da hipermodalidade. Em seguida, é apresentada uma relação entre as teorias expostas e o dicionário *online*, em conjunto com suas características. Através desta pesquisa qualitativo-interpretativa percebeu-se que a estrutura lexicográfica do dicionário está estreitamente relacionada à função organizacional, construída por meio dos recursos verbais e visuais. Os vários dispositivos organizacionais, disponibilizados pelos produtores do dicionário para o consulente, lhe permitem deslocar-se através de todo o dicionário sem perder a noção de sua localização. A presença desses dispositivos tem o importante papel de construir coesão e orientar o consulente, a fim de que ele tenha acesso às informações por ele procuradas, de forma rápida e legível.

Palavras-chave: Dicionário *online*. Metalexigrafia. Hipermodalidade.

ABSTRACT

The goal of this research is to analyze the hypermodal nature of the online bilingual dictionary named LEO: <http://dict.leo.org/> from the relation of its structural features with the organizational semiotic resource to make meaning and the adaptation of the lexicographical structure to the new support. Given the interactive and multimodal nature of this tool, we tried to contribute for the expansion of the metalexicographical studies from the perspective of social semiotics, more specifically, in light of the hypermodality presuppositions. Therefore, the theoretical and methodological course of this research begins, at first, with a discussion on the definitions and characteristics of the dictionary, on the lexicon and some of its disciplines, being Metalexigraphy one of them, whose scope of studies includes the organization theory of the lexicographical work. In this context the structures that make up a dictionary were presented: megastructure – consisting of the outside matter (introduction, user's guide and appendices), and macrostructure - list of lexical items; microstructure – lexicographical information of the selected item; and mediostructure or cross-reference system. Secondly, some features that make the dictionary in general a multimodal text are presented, as well as relevant theories of social semiotics, such as Halliday's Systemic-Functional Linguistics, the grammar of visual design and hypermodality. The history and concepts of hypertext are reviewed, since this support is involved in the studies of hypermodality. Finally, a relation between the exposed theories and the online dictionary together with its characteristics is presented. Through this qualitative-interpretative research it was noticed that the lexicographical structure of the dictionary is closely related to the organizational function, construed through verbal and visual resources. The various organizational devices made available by the dictionary producers to the reader, allow him/her to scroll through the entire dictionary without losing track of his/her location. The presence of these devices has an important role in building cohesion and guiding the reader, so that he/she has access to the information sought in a quick and readable way.

Keywords: Online dictionary. Metalexigraphy. Hypermodality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tipos básicos de relação entre orações	51
Figura 2 - Tela da home <i>page</i>	72
Figura 3 – Tela contendo a busca.....	75
Figura 4 – Destaque da megaestrutura.....	76
Figura 5 – Destaque para o símbolo “i”	77
Figura 6 – Tela contendo informações explicativas	78
Figura 7 – Destaque da organização estrutural,.....	79
Figura 8 – Tela da 2ª sequência de busca.....	79
Figura 9 – Tela da 3ª sequência de busca.....	80
Figura 10 – Tela da 4ª sequência de busca	80
Figura 11 – Número de resultados	81
Figura 12 – Destaque para a palavra <i>more</i>	82
Figura 13 – Destaque do menu suspenso de filtro.....	83
Figura 14 –Tela com o resultado do filtro.....	83
Figura 15 – Remissão externa.....	85
Figura 16 – Última tela da busca.....	86
Figura 17 – Estrutura tríptica	88
Figura 18 - Destaque para barra de rolagem	89
Figura 19 – Destaque para o nome LEO.....	91
Figura 20 – Destaque para o vetor do olhar do LEO.....	91
Figura 21 – Destaque para a caixa de entrada.....	92
Figura 22 – Destaque para a barra de idiomas.....	93
Figura 23 – Menu suspenso de busca avançada.....	95
Figura 24 – Destaque para a caixa de texto.....	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Dicionário: definições e características	16
2.1.1 Léxico: o que é.....	19
2.1.2 Lexicologia, Lexicografia e Terminologia	21
2.1.3 Sobre a Lexicografia Teórica	22
2.1.3.1 Sobre a organização estrutural do dicionário	22
2.1.3.2 Sobre os tipos de dicionário	24
2.2 Aspectos multimodais do dicionário	27
2.2.1 Sobre a Linguística sistêmico-funcional hallidayana.....	28
2.2.2 Sobre a gramática visual.....	33
2.2.3 Sobre a hipermodalidade	35
2.2.3.1 Como surgiu a ideia do hipertexto.....	36
2.2.3.2 Tipos de hipertexto	40
2.2.3.3 Multimídia e hipermídia	40
2.2.3.4 Conceituações de hipertexto.....	41
2.2.3.5 Retomando a hipermodalidade em Lemke	47
2.3 Relação entre as teorias apresentadas e o dicionário <i>online</i>	61
3 METODOLOGIA	68
3.1 Sobre o dicionário <i>online</i> LEO	68
3.2 Procedimentos	70
4 ANÁLISE DO DICIONÁRIO EM ESTUDO	74
4.1 Caracterizando a estrutura lexicográfica do LEO	74
4.2 Análise da natureza hipermodal do LEO	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103

1 INTRODUÇÃO

Toda a obra do ser humano é imperfeita. Os dicionários estão, sem dúvida nenhuma, entre as obras mais imperfeitas do homem. (TIKTIN, 1910, p.243) – (tradução nossa)¹.

As obras lexicográficas são instrumentos de grande importância no letramento de um indivíduo e nos acompanham fielmente durante toda nossa vida, pois sempre que surge uma dúvida sobre o significado de uma palavra ou sobre sua grafia, é a ele que recorremos para encontrarmos a solução. Para o tradutor, o dicionário é sua principal ferramenta de trabalho, o que leva esse profissional a recorrer a vários tipos de dicionário para executar sua tarefa adequadamente.

Em virtude da globalização da economia mundial em conjunto com a comunicação mediada por computador, os campos da ciência, da arte, da cultura e da tecnologia foram beneficiados, uma vez que, o estreitamento das relações entre diversos países, propiciou uma maior interação e intercâmbio, tanto de informações, como de conhecimentos entre os povos, fazendo com que a comunicação e a circulação de documentos em diferentes línguas aumentassem. É nesse contexto que aparece o papel fundamental do tradutor e do intérprete, pois é ele quem tornará possível essa relação comunicativa.

Esse aumento considerável na circulação de documentos aumentou, também, o volume de trabalho do tradutor que, beneficiado pela tecnologia da informática, usa o computador e a internet tanto para estabelecer contato com seus clientes, para recebimento, envio e a realização de trabalhos, como para o acesso e consulta a bancos de dados terminológicos e a dicionários eletrônicos *online* que o auxiliam, agilizando, assim, o processo tradutório, uma vez que a demanda por traduções, atualmente, requer a mesma rapidez com que negócios são realizados e informações e conhecimentos são transmitidos.

Segundo Krieger e Finatto (2004), entre as centenas de dicionários eletrônicos *online* de acesso gratuito existentes, alguns são as versões

¹ Alles Menschenwerk ist unvollkommen. Zu den unvollkommensten Erzeugnissen des Menschen gehören aber unstreitig die Wörterbücher. (TIKTIN, 1910, p. 243).

informatizadas dos dicionários impressos, disponibilizados na internet por suas editoras e, outros são elaborados por organismos independentes, geralmente europeus, voltados para o tradutor e para o consulente-falante dos idiomas daquele continente. Há, ainda, outras obras lexicográficas na internet, resultantes de trabalhos individuais pouco profissionais de muitos internautas com interesses lexicográficos, que se autodenominam dicionário, mas, no entanto, não passam de meras listas de palavras em ordem alfabética contendo apenas sua tradução correspondente em outra língua, como afirma Casañas (2002).

A verdade é que, ao acessarmos qualquer dicionário na *web*, percebe-se que não há um padrão convencionado de apresentação das informações lexicográficas, como é no suporte impresso. Cada dicionário acessado terá seu próprio design e *layout*, o que os torna um diferente do outro, fazendo com que o consulente, antes de fazer uso desta ferramenta, leve algum tempo procurando entender como o produtor do dicionário *online* disponibilizou as informações em sua *web site*, além do fato de que muitas das obras disponíveis, senão a grande maioria, não aproveita todo o potencial de recursos de que o suporte, o hipertexto, dispõe.

Pensando nesta nova forma flexível de apresentação e de organização das informações lexicográficas, vêm sendo desenvolvidos estudos, a nível internacional, que envolvem o hipertexto como suporte dicionarístico. Na Espanha, por exemplo, Arroyo (1999) teve como objetivo delimitar a noção de dicionário *online* como um produto formal e funcionalmente diferente dos dicionários convencionais em suporte impresso. Para tanto, a autora propôs, em seu artigo, três abordagens. A primeira descreve os elementos que configuram os dicionários *online*, com a finalidade de aproximar a delimitação do conceito. Aqui, Arroyo ressalta que as diferenças estão tanto em aspectos externos do dicionário (como custos de produção e de aquisição, restrições de espaço, condensação da informação, periodicidade das edições, entre outros), como em questões internas (mecanismos de acesso à informação, remissão das informações, quantidade de informações, **formas de representação das informações** etc.). (Grifo nosso)

A segunda abordagem revisa os principais mecanismos de acesso à informação lexicográfica na internet que podem ser: de acesso aberto, quando o

consulente solicita o acesso diretamente através da URL (Localizador Padrão de Recursos) do dicionário desejado, ou através de ferramentas de busca como Google, Yahoo etc.; e de acesso restrito, através de consulta aos *sites* especializados, como centros universitários, instituições públicas e privadas e, diretórios específicos.

A terceira abordagem lista alguns dos recursos lexicográficos e terminográficos que podem ser consultados *online*. Até o ano em que a autora escreveu o artigo, foi possível classificar os dicionários a partir de quatro perspectivas diferentes: produtos gerais da língua espanhola, dicionários especializados por temática, dicionários multilíngues e dicionários da língua espanhola em países americanos.

Segundo Arroyo (1999), partindo do pressuposto de que o suporte leve necessariamente a construir os produtos lexicográficos de forma distinta, não implica reconhecer que os produtos existentes no mercado sejam adequados, por isso, conforme a referida autora, faz-se necessária uma avaliação, através de pesquisas, desses produtos com relação ao seu grau de adequação que leve em consideração as funções para as quais o dicionário *online* é concebido e os consulentes a que ele se destina. De acordo com a autora, esse tipo de trabalho pode ser feito a partir de perspectivas diferentes, sendo a Lexicografia uma das ciências que pode determinar o valor linguístico dos dicionários *online*, já que ela se ocupa da elaboração de dicionários.

Também na Espanha, com o objetivo de fazer um levantamento das obras lexicográficas acessíveis na internet como ferramenta para o tradutor, Králik (2007) definiu brevemente os conceitos que fundamentaram seu trabalho como: a Linguística, a Lexicologia, a Lexicografia e a Tradução. O autor selecionou todos os dicionários monolíngues oficiais editados pela Real Academia Española. Entre os bilíngues, foram escolhidos todos os dicionários de espanhol-eslovaco e a maioria dos dicionários espanhol-tcheco. Os glossários, que fazem parte da lexicografia especializada e listam os termos de uma disciplina ou de um campo de estudo especializado com definições e comentários sobre eles, foram divididos em quatro categorias, a saber: Economia, Medicina, Informática e Administração. Devido ao

grande número de glossários na internet foram mencionados somente alguns exemplos de cada categoria. Finalmente, foram escolhidos os três maiores *corpora* textuais acessíveis na internet, por representarem uma ferramenta importante no trabalho de lexicógrafos, pois é através deles que eles constroem dicionários. De cada dicionário relacionado, o autor destacou suas facilidades de manejo, os múltiplos acessos às informações e a presença de multimídia.

Králik (2007) concluiu que, no caso dos dicionários *online* descritos, a maioria se trata de versões eletrônicas daqueles editados no suporte de papel, apesar das vantagens de seu suporte eletrônico. Quanto aos bilíngues, o autor lamenta a pouca oferta de dicionários em espanhol-eslovaco e vice-versa. Os glossários satisfazem seus consulentes, por se tratarem de coleções de vocabulários especializados que são relativamente atuais e que muitos dos glossários convidam seus consulentes a contribuírem com seus próprios termos e suas definições. Quanto aos *corpora* textuais, o autor entende que eles podem servir aos tradutores que produzem traduções de alta qualidade, nas quais são necessárias linguagens apropriadas.

Na Alemanha, Storrer (2001) escreveu um artigo sobre o uso do conceito de hipertexto na Lexicografia. A autora esclarece que em hipertextos podem ser usados textos, imagens, sons e vídeos como mediação descritiva do conhecimento lexical e, os verbetes do dicionário podem ser ligados através de remissões computadorizadas, os chamados *links*. Os dados lexicais podem ser modelados de tal forma que, de acordo com os interesses do consulente e situações de uso, os respectivos dados e referências lexicográficas relevantes são selecionados e exibidos de maneira atraente e estética na tela. A estrutura de acesso em ordem alfabética no meio impresso é substituída por ferramentas de busca, com as quais os bancos de dados podem ser explorados de acordo com os critérios individuais de seleção.

Segundo a referida autora, a rede mundial (WWW), plataforma do hipertexto na internet, faz com que tal dicionário digital seja não só acessível mundialmente, mas também apóie a rápida e descomplicada atualização e ampliação dos dados lexicográficos. Além disso, conforme a argumentação de

Storrer (2001), a conexão da informação e da comunicação na WWW facilita a organização descentralizada do processo de elaboração lexicográfica através de especialistas distintos. A autora ainda declara que tanto a Lexicografia quanto a Metalexigrafia começam a lidar com as opções do hipertexto e, ressalta que é tarefa da pesquisa metalexigráfica desenvolver objetivos para os dicionários digitais para que as opções e oportunidades do novo meio possam ser usadas de forma ideal.

Como pudemos perceber através das pesquisas aqui relatadas, os estudos lexicográficos envolvendo seu suporte hipertextual estão apenas começando e, diante da variedade em design e *layout*, resultante da natureza do suporte hipermediático que veicula o dicionário *online*, observa-se que o texto lexicográfico se integra a diferentes modos semióticos (como som e imagem) que proporcionam um conjunto de novas formas de informações, o qual leva o consulente não só a ler aquilo o que está escrito, mas, também, a interagir com a máquina, com o texto e com o produtor do dicionário *online*.

Assim, a partir da percepção do caráter interativo e multimodal dessa ferramenta, surgiu nosso interesse em investigar como o hipertexto dicionarístico, ao integrar-se a diversas modalidades linguísticas verbais e não-verbais, constrói sentido e colabora para a interpretação e compreensão das informações contidas no texto lexicográfico. Dessa forma, pensamos em estudar de que maneira a organização da estrutura lexicográfica conhecida no meio impresso pode se adaptar ao novo suporte e como os recursos semióticos disponibilizados por esse meio, contribuem para essa adaptação e a conseguinte construção de sentido no dicionário *online* por nós analisado.

Para atingirmos esse intento, articulamos um diálogo com teorias interdisciplinares da Linguística como a Metalexigrafia (ou Lexicografia Teórica) e a semiótica social. Dentro da teoria sócio semiótica, amparamo-nos, nos estudos de Lemke (2002) sobre o conceito de hipermodalidade (hipertexto construído de forma multimodal), cuja base teórica fundamenta-se nos princípios da Linguística

Sistêmico-Funcional para análise da língua verbal desenvolvida por Halliday (1994)², assim como, na gramática do visual desenvolvida por Kress e van Leeuwen (1996)³, que também partem da teoria de Halliday, para análise da linguagem visual na composição de textos. Da mesma forma que Lemke, buscamos em Halliday e em Kress e van Leeuwen esclarecimentos e fundamentos para a realização de nossa análise.

Uma vez que os estudos de Lemke (2002) envolvem o hipertexto, lançamos olhares, também, para esse tema, pelo fato desse suporte ser o articulador entre diversos recursos semióticos. Falamos, assim, de suas conceituações e a construção de sentido, por meio de uma revisão bibliográfica de vários teóricos na área da Linguística, além, é claro, de incluirmos um breve relato acerca de sua história.

A Metalexigrafia, ciência que se ocupa da teoria do fazer, da organização e da análise de obras lexicográficas, nos dá sustentação para identificar a presença e descrever a estrutura lexicográfica do dicionário *online* por nós investigado, a partir da qual, à luz dos pressupostos da hipermodalidade em Lemke (2002), analisamos a natureza hipermodal do *corpus* e sua contribuição para a adequação de sua organização estrutural, como também, o sentido produzido pela integração dos recursos semióticos, presentes na constituição desse dicionário.

Desse modo, tendo em vista a importância do dicionário para o tradutor, e porque não para o consulente em geral, bem como, a escassez de trabalhos acadêmicos que descrevam o dicionário sob a perspectiva da semiótica social, procuramos, com este estudo, oferecer uma contribuição para uma nova Metalexigrafia que considere questões relativas ao dicionário, hipertexto e

² HALLIDAY, M. A. K. An introduction to functional grammar. London: Arnold, 1994. Tanto Kress e van Leeuwen, como Lemke, se fundamentam nessa edição do livro de Halliday, por isso ao longo desta dissertação, fazemos menção a ela. No entanto, nós fazemos uso da 3ª edição de 2004 que Halliday fez com Matthiessen, em nossa fundamentação.

³ KRESS, G.; LEEUWEN T. v. Reading images: the grammar of visual design. New York: Routledge, 1996. Essa é a primeira edição do livro dos autores. Em nossa fundamentação teórica, adotamos a segunda edição de 2006, pelo fato dessa edição atualizada ter sido complementada com exemplos de CD-ROMS e *web sites*, domínios esses da comunicação visual, que segundo os autores, mal tinham começado a ser desenvolvidos quando eles escreveram a primeira edição.

hipermodalidade como conceitos interconectados. Na tentativa de aproximar esses conceitos, esperamos colaborar para que o tradutor profissional descubra mais um potencial de informações em sua ferramenta de trabalho e venha, assim, a fazer melhor uso desse tipo de obra lexicográfica.

Gostaríamos de esclarecer que nossa escolha pelo dicionário *online* LEO não foi aleatória, pois dentre as variadas obras lexicográficas de que fazemos uso na tarefa tradutória, percebemos que os produtores desse dicionário, em especial, pretenderam oferecer um dicionário com *layout* estético e que fosse interativo, diferentemente de outros, cujas características se enquadram naqueles que já foram mencionados nos parágrafos anteriores.

Assim, percebendo as diferentes características desse tipo de dicionário, pretendemos, neste estudo, atingir o seguinte objetivo geral:

- ◆ Analisar a natureza hipermodal do dicionário bilíngue *online* “Leo Deutsch-Englisches Wörterbuch” - <http://dict.leo.org/> - a partir da relação de seus aspectos estruturais com o recurso semiótico organizacional e suas funções comunicativas para a construção de sentido e adaptação da estrutura lexicográfica ao novo meio.

Desse modo, buscamos:

- 1- Caracterizar a mega, macro, micro e medioestruturas no dicionário em questão e sua adaptação ao novo meio, amparados pelo campo de estudos da Metalexigrafia.
- 2- Analisar a relação da sua estrutura lexicográfica com o recurso semiótico organizacional e suas funções comunicativas para construção de sentido, com base nos pressupostos da hipermodalidade.

Para realizar o estudo da obra lexicográfica de nosso trabalho, organizamos a presente dissertação da seguinte forma: o capítulo da introdução, logo após, o capítulo 2, que apresenta a fundamentação teórica.

O capítulo 3 descreve a metodologia adotada neste trabalho. O capítulo 4 apresenta a análise do *corpus*, no qual descrevemos o conjunto de características de sua estrutura lexicográfica, bem como, sua relação com o recurso semiótico organizacional e, por último, apresentamos as considerações finais, sintetizando os aspectos relevantes do estudo, ao mesmo tempo em que são sugeridos estudos adicionais que aprofundam o tema abordado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma revisão dos pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa, cuja sequência de exposição dos assuntos se inicia com aspectos relativos ao dicionário. Dessa forma, primeiramente, falamos de sua definição e de suas características. Em seguida, fazemos um breve relato sobre a definição de léxico e sobre algumas das disciplinas que o tem como objeto de estudo, para, então, expormos certos temas tratados pela Metalexigrafia que nos dão a base para nosso primeiro objetivo.

Ainda, nesse capítulo, para fins da análise dos recursos semióticos presentes no dicionário *online* LEO, começamos pela exposição de alguns aspectos que fazem do dicionário em geral um texto multimodal para depois, discorrermos sobre as teorias concernentes à semiótica social: a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday, bem como, sobre a gramática visual de Kress e van Leeuwen.

Na sequência, versamos sobre a hipermodalidade em Lemke (2002), na qual são tratados os diversos modos linguísticos e sua construção de sentido na constituição do hipertexto. Por isso, relatamos, brevemente, a história do hipertexto, além de conduzirmos uma revisão bibliográfica a cerca de suas conceituações e de suas características.

No último subcapítulo da fundamentação teórica fazemos uma relação entre as teorias apresentadas e o dicionário *online*, juntamente com suas características.

2.1 Dicionário: definições e características

Como nosso estudo envolve o dicionário, julgamos necessário apresentarmos de que maneira diferentes autores o definem, bem como, suas características, para então, tratarmos da teoria que se ocupa dos fenômenos que oferecem subsídios para sua elaboração, além de uma revisão da tipologia de que o tradutor faz uso.

Para autores como Dapena (2002), o dicionário descreve o léxico e tem por finalidade ser uma obra de consulta concebida para resolver dúvidas sobre o vocabulário de uma língua. Na tarefa de descrever o léxico, o dicionário comunica as informações gramaticais, semânticas, pragmáticas, discursivas e socioculturais, na medida em que ele apresenta aspectos das palavras relativos à: gênero gramatical, forma gráfica e sonora, etimologia, significação, valores expressivos, modo de emprego, grau de especialização em função dos diferentes níveis da língua, conforme versa Pontes (2009).

Ao citar J. e C. Dubois (1971)⁴, Pontes (2009) relaciona, ainda, várias considerações dos autores relativas à definição do dicionário:

É também um objeto sociocultural. O dicionário se realiza como um texto, um discurso sobre língua e cultura. Daí poder considerá-lo práxis ou produto, segundo o ponto de vista que se adote. Como produto comercial, muitas decisões são tomadas em função de economia de espaço, determinando regras essenciais à confecção desse tipo de obra, que tem caráter pragmático, desenvolvendo-se em função dos usuários, pois os receptores do dicionário são os que determinam o uso que se faz dele. Ainda, segundo os mesmos teóricos, o dicionário é uma instituição social e, como tal, pode autorizar e desautorizar o uso de determinados fatos da língua pela comunidade. (PONTES, 2009, p. 26)

Ainda de acordo com a argumentação de Pontes (2009), como o dicionário tem atributos especiais de composição, estilo, conteúdo temático e propósitos específicos, que o tornam diferente de qualquer outra obra escrita, ele é considerado um gênero textual – avaliação essa, também corroborada por Marcuschi (2008) e Costa (2008) -, e que por esta razão, a obra lexicográfica, também, pode ser definida por:

- ◆ Ter caráter intertextual, pois suas informações são extraídas de outros textos e apresentadas nos exemplos de uso e definições;
- ◆ Ser polifônica, pois muitas vozes se entrecruzam em seu discurso;
- ◆ Ser ideológica, pois reflete a construção e a categorização da realidade que nos cerca;

⁴ DUBOIS, J. ; DUBOIS, C. Introduction à la lexicographie: Le dictionnaire. Paris: Larousse, 1971.

- ◆ Ser uma obra didática, pelo seu caráter informativo e explicativo para servir como livro de referência e informar as pessoas de aspectos socioculturais e científicos de uma época;
- ◆ Ser um texto multimodal, pois na página de um dicionário impresso encontramos outras formas de representação, como a cor, o tipo e tamanho da letra, a diagramação da página, a formatação do texto, a presença de ilustrações visuais, entre outros, além do código escrito.

Apresentado em forma de arquivo de verbetes, geralmente em ordem alfabética, o dicionário desempenha dois papéis: a recepção, quando o consulente se utiliza dele para entender os significados e sentidos das palavras dos textos e, a produção, quando o consulente quer aprender a construir os enunciados de que se compõem os textos, constituindo-se então, como um meio de aumentar seus conhecimentos lexicais. No cumprimento de ambos os papéis, o dicionário torna-se um instrumento didático-pedagógico ao auxiliar seu consulente no desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e comunicação oral.

Arroyo (1999) identifica o dicionário como um produto linguístico em sua essência, mas, também, o reconhece como um produto histórico, cultural, social, temporal, econômico e ideológico, uma vez que seu repertório lexicográfico está condicionado ao momento histórico, no qual ele é produzido; à situação cultural em que ele é gerado; ao valor de autoridade que lhe é atribuído; à vigência das informações nele contidas; ao custo econômico que implica em sua elaboração e aquisição; e à representação do mundo que ele oferece.

Com relação a sua utilidade, a referida autora declara:

[...] não se duvida da utilidade dos dicionários: são peças chave no ensino de línguas, desde o primário até a universidade; são úteis como ajuda para a comunicação em línguas estrangeiras, no mundo comercial e na administração pública. São indispensáveis para pessoas que lidam com correspondência estrangeira, tradutores e intérpretes. Os dicionários especializados também são um elemento fundamental para a comunicação especializada entre profissionais, empresas, entidades públicas e organizações internacionais. (ARROYO, 1999, p. 1)⁵ – (tradução nossa).

⁵ [...] la utilidad de los diccionarios no se pone en duda: son piezas clave en la enseñanza de lenguas, desde la enseñanza primaria hasta la universitaria; son útiles como ayuda para la comunicación en

Como vemos, o dicionário está longe de ser apenas a compilação das palavras de uma língua com a função de um simples tira-dúvidas. Ao contrário, em seu bojo encontramos ricas informações sobre a língua, sobre conhecimentos enciclopédicos, científicos e ideológicos com a função de ajudar a ler e a produzir textos em diferentes situações sociais, conforme salienta Pontes (2009). Todos esses conjuntos de informações, presentes no dicionário, o tornam um objeto passível de análise, a partir de diferentes perspectivas.

O primeiro de nossos objetivos de pesquisa é, pois, o de caracterizar a estrutura lexicográfica presente na constituição do dicionário *online* a ser analisado. Por isso, vamos conhecer, primeiramente, a organização estrutural de um texto lexicográfico, bem como, distinguir algumas de suas tipologias. Esses aspectos vão nos servir de base para o nosso estudo.

Assim sendo, a ciência que se ocupa dos temas relativos à elaboração do dicionário, mencionados acima, é a Lexicografia. Antes, porém, como o dicionário trata do léxico, vamos falar desse conceito, bem como, a cerca de algumas das disciplinas que o tem como objeto de estudo, dado a importância de conhecermos a diferença entre esses conceitos fundamentais.

2.1.1 Léxico: o que é

Quando falamos em léxico, logo o definimos como o conjunto de palavras ou vocabulário de uma língua. No entanto, nem conseguimos explicar muito bem como é que se deu a formação de palavras. Por isso, vamos nos referir a Biderman (2001) que traz o seguinte esclarecimento:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser

lenguas extranjeras, en el mundo comercial y en la administración pública. Indispensables para personas que tratan correspondencia extranjera, traductores e intérpretes. Los diccionarios especializados son también un elemento esencial en la comunicación especializada entre profesionales, empresas, entidades públicas y organizaciones internacionales. (ARROYO, 1999, p. 1).

considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo, ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Ainda, em concordância com a autora, o processo de conceptualização universal pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais que gera palavras, através das quais o homem interage cognitivamente com o seu meio. E apesar de as línguas se basearem nesse processo, isso não significa que seus sistemas lexicais sejam iguais. Pelo contrário, as categorias léxicas variam de língua para língua, embora seja possível admitir que as línguas naturais tenham tipos de semântica, universalmente, compreensíveis, como assevera a autora.

Além disso, segundo Biderman (2001, p. 14), “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história.” Esse patrimônio constitui-se, de acordo com a autora, como uma herança de signos lexicais e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras necessárias para designar a realidade, uma vez que o léxico das línguas vivas vive em permanente expansão, por conta do constante progresso advindo da rapidez das mudanças sociais provocadas pela frequência e intensidade das comunicações e da progressiva integração das culturas e dos povos, além do progresso técnico e científico.

O léxico, em conformidade com Pontes (2009), é classificado em dois tipos: o geral, que integra as palavras que podem ser utilizadas em qualquer contexto discursivo e, o de especialidade, cujas palavras pertencem ao âmbito da comunicação socioprofissional, bem como, ao contexto técnico-científico.

Muitas são as disciplinas que estudam o léxico, entre elas estão: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, as quais abordamos de forma breve, a seguir.

2.1.2 Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Tanto a Lexicologia quanto a Lexicografia possuem o léxico como objeto comum de estudo, porém o enfoque de cada uma se dá a partir de perspectivas diferentes, segundo Dapena (2002).

A Lexicologia, uma disciplina do ramo da Linguística, em conformidade com Krieger e Finatto (2004, p.45) “se ocupa de aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua.” Colocado de forma simples, entre os aspectos formais são estudados a etimologia e a morfologia das palavras, enquanto que os aspectos semânticos consideram a dimensão significativa do léxico. Pontes (2009) ressalta, ainda, que essa disciplina tomou rumos novos ao receber contribuições da Linguística moderna levando os estudos do léxico a serem realizados com base em observações retiradas de *corpora* veiculados em vários gêneros textuais, de forma a permitir estudos de temas morfológicos abrangendo questões relacionadas a neologismos, estrangeirismos, como também, a aspectos da semântica, como a metáfora, a polissemia, a sinonímia, entre outros.

Casares (1992) assevera que a Lexicografia aproveita e aplica na sua prática os conhecimentos proporcionados pela Lexicologia e, segundo Hernández (1998, p. 08), “a Lexicografia é uma disciplina do ramo da Linguística Aplicada que se ocupa das questões teóricas e práticas concernentes à elaboração de dicionários”. Essa disciplina se subdivide em duas: a Lexicografia Prática, que diz respeito à confecção de dicionários, atividade que envolve a ordenação do léxico, assim como, o fornecimento de informações de seu uso e conteúdo; e a Lexicografia Teórica, também, chamada de Metalexigrafia, que oferece um paradigma teórico-metodológico para o modo de fazer um dicionário, de acordo com Krieger e Finatto (2004). Mais adiante, trataremos da Lexicografia Teórica e de alguns de seus campos de estudo.

Pontes (2009) complementa, ainda, que a Terminologia é outra disciplina, do âmbito da Linguística Aplicada, que estuda as unidades lexicais que funcionam nos domínios científicos, técnicos ou tecnológicos, também chamadas de unidades

terminológicas, encontradas em discursos cotidianos da sociedade e nos discursos especializados, como exemplo, citamos os trabalhos de tradução técnica, nos quais a presença de termos técnico-científicos é volumosa e, como asseveram Krieger e Finatto (2004), se torna de vital importância a identificação formal e semântica dos termos para se obter a tradução adequada. De acordo com as autoras, tanto a área da Lexicografia quanto a da Terminologia estão envolvidas com o componente lexical das línguas, de forma a organizá-los com o intuito de registrá-los em obras de consulta, como o dicionário, funcionando assim, como instrumentos de referência nas sociedades.

Após essa breve exposição das disciplinas do léxico, tratamos, a seguir, da Lexicografia Teórica que nos dá fundamentos para nosso estudo.

2.1.3 Sobre a Lexicografia Teórica

O campo de estudos da Lexicografia Teórica ou Metalexicografia, conforme Dapena (2002), engloba os estudos descritivos, críticos e históricos, como também, a teoria da organização do trabalho lexicográfico, as reflexões sobre a metodologia de elaboração e sobre a classificação tipológica dos dicionários. Neste âmbito, nos interessam, em especial, as reflexões a cerca da organização estrutural, uma vez que nosso primeiro objetivo de pesquisa visa descrever a estrutura do dicionário *online* LEO. Faz-se importante, também, ressaltar as diferenças entre os diversos tipos de obras lexicográficas, já que muitos dos dicionários *online* têm a característica de serem multidicionários, como veremos em capítulo posterior, quando falamos, especificamente, sobre os dicionários *online*. Dessa forma, primeiramente, discorreremos sobre a organização estrutural e, logo em seguida, sobre a tipologia.

2.1.3.1 Sobre a organização estrutural do dicionário

Segundo Dapena (2002), todo dicionário é sustentado por dois eixos: a macroestrutura que consiste da nomenclatura ou lista de palavras que pode estar

ordenada de forma alfabética, juntamente com a microestrutura composta pelas informações sobre cada lema ou palavra-entrada. Tais informações incluem a pronúncia, categoria gramatical, etimologia e o significado de cada vocábulo, exemplos de uso, marcas de uso, colocações, fraseologismos e expressões idiomáticas, entre outros.

Welker (2004), ao fazer uma revisão teórica que inclui diferentes autores, complementa que a grande maioria das obras lexicográficas possui, também, textos externos ao corpo central como o prefácio, a introdução, a lista de abreviaturas usadas no dicionário, os resumos gramaticais, como também, as listas de verbos irregulares, de siglas e/ou abreviaturas, informações de pronúncia, entre outros, que somados à nomenclatura são designados como megaestrutura.

Ainda, segundo o referido autor, o sistema de remissões que o lexicógrafo se utiliza para remeter o consulente de um lugar a outro é denominado de medioestrutura. Welker (2004) cita dois tipos de remissões: a externa, quando o lexicógrafo remete para outros dicionários ou fontes nas quais colheu seus dados, e, a interna que remete às informações existentes na mega (textos externos e macroestrutura) e microestruturas. As remissões são usadas para evitar a repetição de informações, principalmente, por razões de economia de espaço em obras impressas, e são classificadas como facultativas, pois o consulente as segue se quiser obter mais informações sobre o verbete consultado. As remissões são frequentemente identificadas pelo verbo *ver* ou sua forma abreviada *v.*, por setas ou asteriscos, pela abreviação da palavra *confira*, *cf.* etc.

Em resumo, a estrutura de um dicionário se organiza da seguinte forma:

A megaestrutura, composta por:

- ◆ Textos externos ao corpo central
- ◆ Nomenclatura ou lista de palavras-entrada, chamada de macroestrutura

A medioestrutura, termo que designa o sistema de remissões, que pode ser:

- ◆ Remissão externa
- ◆ Remissão interna

A microestrutura, composta pelas:

- ◆ Informações lexicográficas de cada palavra-entrada.

Como podemos perceber a partir dessa exposição, as informações não aparecem de forma aleatória ou ao acaso na composição do dicionário, pelo contrário, a sucessão de informações está estruturada para estabelecer coerência e ligação entre as partes do todo, em consonância com Pontes (2009).

2.1.3.2 Sobre os tipos de dicionário

Além de a Metalexiconografia tratar da metodologia para a confecção de dicionários e dos estudos descritivos, críticos, históricos, seu campo de estudo mais produtivo é o da criação de tipologias que são definidas como sistemas de classificação científicos, com o objetivo de agrupar qualquer dicionário com êxito, conforme Arroyo (1999).

Dentre os inúmeros tipos de dicionários existentes e citados por diferentes autores, Xatara (2001), enumera alguns que fazem parte do instrumento de trabalho do tradutor e do intérprete:

O trabalho de tradução profissional recorre a dicionários enciclopédicos (aqueles que trazem informações de natureza linguística e referencial) e a dicionários de língua monolíngues (com informações semânticas, nocionais, etimológicas, gramaticais e fonéticas), a dicionários especiais (de sinônimos, expressões idiomáticas, falsos cognatos etc.) e a obras terminológicas – os dicionários de especialidade, sendo os especiais e os de especialidade unilíngues ou não. (XATARA, 2001, p. 181)

Com base em diversos autores, vamos conhecer melhor a diferença entre esses tipos de dicionários citados. De acordo com Krieger e Finatto (2004), o dicionário monolíngue geral caracteriza-se por inventariar o léxico geral de uma língua, no qual são apresentadas as informações etimológicas, gramaticais, como gênero, ortografia, regência, além da marcação de uso regional, profissional e outros

em sua microestrutura. Este tipo de dicionário inclui, também, em sua compilação, terminologias ou os termos dos campos de especialidade, uma vez que estes são parte integrante do componente lexical das línguas. Os dicionários monolíngues gerais que apresentam uma nomenclatura extensa, acima de 100.000 verbetes, são chamados de tesouro.

Os dicionários enciclopédicos, considerados como híbridos, incluem as informações do dicionário geral somadas às informações de artigos enciclopédicos referentes a termos técnicos e científicos, nomes geográficos e personagens históricos, em conformidade com Dapena (2002).

Enquanto o dicionário geral cuida de descrever o léxico de uma língua em toda sua amplitude, o dicionário especial, segundo Pontes (2009), tem por finalidade dar respostas a questões muito específicas, ou seja, sua função é descrever as unidades léxicas selecionadas a partir de algumas de suas características. Assim, entre os dicionários especiais estão os de sinônimos, de antônimos, de gírias, de dialetos, de regionalismos, entre outros.

O dicionário terminológico ou técnico-científico é uma obra cuja nomenclatura registra o conjunto de termos de uma área temática ou de uma especialidade, oferecendo primordialmente informações conceituais e, por vezes, linguísticas, como categorias gramaticais, variações, sinonímias, bem como marcas de uso socioprofissionais dos termos repertoriados, de acordo com Krieger e Finatto (2004).

O dicionário bilíngue, também, faz parte da lista de dicionários da qual o tradutor faz uso com o intuito de “precisar, na língua para a qual traduz, o termo que melhor designe a noção apresentada no texto a ser traduzido”, como afirma Xatara (2001, p.181).

Conforme a referida autora, a microestrutura nos dicionários bilíngues é composta pelas traduções das entradas e subentradas, chamados de equivalentes, que são apresentados numa série de sinônimos justapostos em conjunto com alguns exemplos de uso e de poucos termos técnico-científicos. Na falta de um equivalente

na língua estrangeira, o significado da palavra é, então, definido. Esse tipo de dicionário pode ser encontrado contendo apenas uma direção, ou seja, da língua materna para a língua estrangeira ou vice-versa, como também, as duas direções em um mesmo volume.

O dicionário bilíngue desempenha duas funções: a de recepção, servindo para compreender e traduzir textos para a língua materna; e a função de produção que tem o papel de auxiliar o consulente a produzir textos na língua estrangeira. Tal obra contém informações sobre a valência, as colocações e a marcação diassistemática ou marca de uso para distinguir as diferentes acepções do vocábulo, como por exemplo: culto, coloquial ou vulgar, formal ou informal, dialeto ou fala regional, termo pertencente a uma determinada área de conhecimento, de forma a permitir que o consulente possa escolher o equivalente correto ao escrever seu texto, de acordo com Welker (2004). No entanto, como ressalta o autor, na maioria dos dicionários bilíngues gerais, essas informações são insuficientes, fato que prejudica a produção de textos. Acreditamos que uma das razões para esta insuficiência de informações seria a falta de espaço no meio impresso.

Há também, entre os impressos, segundo Dapena (2004), os dicionários multilíngues ou plurilíngues que trazem terminologias científicas ou técnicas, cuja finalidade é servir de instrumento de trabalho a técnicos e cientistas, dentre os quais enquadramos os tradutores. Esse tipo de dicionário contém a tradução de uma mesma palavra em vários idiomas diferentes.

Após o panorama teórico sobre a definição de dicionário, bem como, sobre o léxico e suas disciplinas, em especial, sobre a Metalexicografia, cujo campo de estudo contempla, entre outros, a teoria da organização dos dicionários e da criação de tipologias, apresentamos, no subcapítulo que se segue, as questões teóricas relativas à semiótica social que nos dão suporte para efeito da análise das funções comunicativas dos múltiplos modos semióticos, presentes no dicionário *online* a ser analisado.

2.2 Aspectos multimodais do dicionário

O dicionário no suporte impresso é um texto constituído por vários modos semióticos, uma vez que sua informação lexicográfica está organizada por meio do uso de recursos visuais, tais como, disposição em colunas, margens, espaços, variação de recursos tipográficos (tamanho da fonte, estilo, cor, sinais gráficos, marcadores, numeração etc.), além da presença de ilustrações e imagens fotográficas. Tais recursos não estão presentes por acaso e não fornecem informações separadamente. Ao se integrarem ao texto lexicográfico, ambos os recursos, verbais e não-verbais, se relacionam e afetam um ao outro, fornecendo informações que atraem a atenção do consulente, estimulam seu interesse e facilitam a legibilidade e a compreensão do texto lexicográfico em si, como assevera Pontes (2010).

Esses recursos verbais e não-verbais, presentes em sua estrutura composicional, tornam o dicionário multimodal, na medida em que a mensagem lexicográfica coexiste com outros elementos semióticos que cumprem uma função retórica na construção de sentidos do texto lexicográfico.

Com o avanço da tecnologia da informática percebemos o aumento no uso de recursos multimodais em textos impressos e, principalmente, nos textos que circulam na internet, chamados de hipertexto. Por causa disso, os dicionários *online* apresentam um novo *layout*, no qual o texto lexicográfico interage com cores, imagens estáticas e em movimento, além de som. A interação da linguagem verbal e não-verbal na hipermídia constrói novas informações significativas diferentes daquelas que conhecemos no meio tradicional, o impresso. Pois, conforme pontuam Baldry e Thibault (2006), as diferentes modalidades semióticas constroem diferentes sentidos de diferentes maneiras, de acordo com o meio de expressão em que elas são usadas.

Essas informações significativas são estudadas pela semiótica social, cujas abordagens funcionais de análise de textos, tornam possível entender como a combinação entre as diferentes formas de comunicação de nossa sociedade constrói sentido. Desse modo, antes de falarmos sobre o dicionário *online* e suas

características, pensamos em abordar, neste capítulo, o arcabouço teórico que serve de base para nosso propósito de análise da natureza hipermodal do dicionário *online* em estudo. Dentre as teorias relevantes, iniciamos com a Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana que fundamenta a semiótica social, os estudos sobre a gramática visual e, por fim, sobre a hipermodalidade.

2.2.1 Sobre a Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana

A gramática funcional de Halliday baseia-se na teoria de Firth, a quem se deve a sistematização da noção de contexto de situação cunhada por Malinowski em um artigo de 1923. Segundo Halliday (1985), na visão de Firth, expressa em um artigo de 1935, a linguística era o estudo do significado e todo significado era função em um contexto. Halliday, então, amplia as linhas de observação de Firth para o plano do texto na relação com o contexto e desenvolve reflexões sistemáticas a respeito do funcionamento do sistema da língua na sua relação com o contexto situacional, conforme Marcuschi (2008).

Dessa forma, em sua versão da Linguística Sistêmico-Funcional, Halliday se propõe a estudar a língua como um todo, isto é, contemplando não só os estratos intralinguísticos compostos: pelo significado ou semântica; pela forma, que engloba, ao mesmo tempo, o léxico, a morfologia e a sintaxe através da léxico-gramática; pela expressão, através da fonologia e/ou grafologia; mas também, o estrato extralinguístico do contexto de situação, como afirma Praxedes Filho (2010).

Ao expressar interesse em estudar a língua, Halliday (1985, 2004) preocupou-se em estudá-la dentro de uma perspectiva semiótico-social, por considerar que o conceito inicial de semiótica, como estudo geral dos signos, mostrava-se limitado, porquanto nessa perspectiva formalista, a língua é vista isoladamente, como um objeto autônomo, na qual são estudadas sua estrutura e forma sem considerar seu uso.

Para o referido autor, a língua é um dos modos semióticos de construção de significado mais importante, mais compreensivo e mais global, sem deixar de

reconhecer que uma cultura é composta por um conjunto de sistemas semióticos, fora da esfera da linguagem verbal, que é também portador de significado, em que todos se interrelacionam, gerando assim, um sistema de significados.

A partir dessa afirmação, Halliday (1985) compreende a semiótica como o estudo de sistemas de signos ou estudo de sistemas de significados, signos esses formados pela língua, música, dança, escultura, pintura, gestos, postura, entre outros, inerentes à cultura humana, que funcionam em redes de relacionamentos e não como um conjunto de coisas individuais. Para o termo social, Halliday (1985) apresenta duas explicações: a primeira considera a palavra social no sentido de sistema social, como sinônimo de cultura. Então, num primeiro momento, o termo semiótica social refere-se à definição de um sistema social ou de uma cultura, funcionando como um sistema de significados; a segunda indica uma preocupação especial com os relacionamentos entre a língua e a estrutura social, considerando a estrutura social como um aspecto do sistema social.

Para justificar esse ponto de vista, Halliday (1985), ao realizar seus estudos da língua no âmbito educacional, assevera que o aprendizado é, sobretudo, um processo social e, o meio-ambiente no qual o aprendizado educacional ocorre é uma instituição social, quer seja em termos concretos como uma sala de aula e a escola, com suas estruturas sociais claramente definidas, quer seja em sentido mais abstrato do sistema escolar ou do processo educacional como é concebido em nossa sociedade. O conhecimento é transmitido em contextos sociais, através de relacionamentos, como o de pais e filhos ou professor e aluno ou colegas de classe que são definidos nos sistemas de valores e na ideologia da cultura. E as palavras que são trocadas nesses contextos, obtêm seus significados, a partir das atividades sociais nas quais elas estão inseridas.

Sua teoria teve como objetivo descrever e explicar os recursos de construção de sentido da língua inglesa, já tendo em vista, a descrição e a interpretação de texto. No dizer do autor, quando as pessoas falam ou escrevem, elas produzem texto, de forma que qualquer instância da língua viva que esteja desempenhando um papel em um contexto de situação é chamada de texto, em outras palavras, texto é a língua funcionalmente fazendo seu trabalho em algum

contexto. E o texto, segundo Halliday (1985), pode ser falado ou escrito ou, na realidade, em qualquer outro meio de expressão que se possa pensar.

Ainda em conformidade com Halliday (1985), embora um texto tenha de ser codificado em alguma coisa, em sons ou em símbolos escritos, a fim de ser comunicado, ele é fundamentalmente uma unidade semântica, devendo ser considerado tanto como um produto, no sentido de algo que possa ser gravado e estudado, quanto um processo, como um evento interativo, uma permuta social de escolhas semânticas. Entretanto, conforme afirma o autor, não se pode falar de texto, sem antes mencionar o contexto, uma vez que são aspectos do mesmo processo. Existe um texto com outro texto que o acompanha: o contexto, que vai muito além daquilo que se diz ou se escreve, pois aqui se incluem outros acontecimentos não-verbais – o ambiente no qual o texto se desdobra, servindo como uma ponte entre o texto e a situação, na qual os textos realmente ocorrem.

Conforme o autor, na vida real, a situação é anterior ao discurso à qual ele se relaciona, isto é, o contexto precede o texto. Neste ponto, o autor retorna ao conceito semiótico de significados criados pelo sistema social que são permutados pelos membros de uma cultura na forma de texto, fazendo do texto uma instância do processo e do produto de significado social num contexto de situação particular.

Esse contexto de situação, no qual o texto se desdobra, está encapsulado no texto através de um relacionamento sistemático entre o ambiente social de um lado e a organização funcional da língua do outro. Texto e contexto são, assim, tratados como fenômenos semióticos, como modos de significado. Segundo o autor, a situação, na qual ocorre a interação linguística, dá aos participantes uma grande quantidade de informações sobre os significados que estão sendo permutados, como também, aqueles que ainda podem ser permutados. Isto é o que nos faz ter uma comunicação bem-sucedida, pois a situação nos faz prever o que o outro pode vir a dizer. Halliday (1985) desenvolve três variáveis que nos ajudam a interpretar o contexto social, o ambiente de um texto – o estrato extralinguístico -, onde cada tipo de significado da semântica é permutado. São eles:

1. O campo do discurso: refere-se ao que está acontecendo, ao tipo de atividade social que está ocorrendo: no que é que os participantes estão envolvidos;
2. As relações do discurso: referem-se a quem está tomando parte no texto, à natureza dos participantes, seus status e papéis na atividade social;
3. O modo do discurso: refere-se ao papel desempenhado pela língua naquele momento ao possibilitar o desenrolar das relações entre os participantes da atividade social, de acordo com Praxedes Filho (2010).

Assim, ao estabelecer uma relação entre as variáveis do contexto de situação e o primeiro estrato intralinguístico, que se refere à semântica, Halliday (1985) afirma que o campo do discurso é expresso através da metafunção ideacional (subdivida em experiencial e lógica); as relações do discurso são expressas através da metafunção interpessoal; e o modo do discurso é expresso através da metafunção textual, ocorrendo, então, o que Praxedes Filho (2010) explica como uma semiose social e que:

“Graças à metafunção experiencial ou reflexiva ou de conteúdo, podemos representar nossas experiências das realidades interna e externa e, através da metafunção lógica combinamos as experiências isoladas em complexos experienciais. Pela metafunção interpessoal ou ativa ou interativa, podemos comunicar nossas experiências ao outro e, assim, delimitar nossa subjetividade, expressando nossos juízos de valor e nossas avaliações. Enfim, a metafunção textual ou instrumental ou viabilizadora nos habilita a compor textos orais ou escritos coesos e coerentes, por via dos quais interagimos com o outro sobre nossas experiências.” (PRAXEDES FILHO, 2010, p. 310).

Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que a língua, como complexo sistema semiótico que é, é usada para construir sentido de nossas experiências e para executar nossas interações com outras pessoas, significando que a gramática tem o importante papel de fazer uma interface com aquilo que acontece fora da língua: com os acontecimentos e as condições do mundo e com os processos sociais que nós nos envolvemos. Assim, a interpretação do significado das experiências e a disposição dos processos sociais têm de ser organizados, para que

possam ser transformados em texto e, finalmente, realizados pela fonologia ou grafologia. Desse modo, cada tipo de significado da semântica é realizado por uma área formal da léxico-gramática (sistema de formas ou fraseados) - o segundo estrato intralinguístico - que corresponde à primeira fase da semiose cognitiva: a sistêmica, na qual os significados: experienciais ativam a gramática de transitividade; os lógicos, a gramática das relações tácticas e lógico-semânticas; os interpessoais, a gramática de modo, de modalidade e de valoração; e, os textuais, a gramática de tema e da informação e a coesão, conforme Praxedes Filho (2010). Ainda, segundo o referido autor, na outra fase da semiose cognitiva dentro do estrato formal, chamada de funcional:

“[...] as escolhas feitas nas três redes de sistemas léxico-gramaticais – transitividade, modo e tema – são realizadas, no nível da oração, por funções configuracionais ou estruturais: A oração como representação constitui-se das funções Participantes, Processo e Circunstância; a oração como interação, das funções Modo (Sujeito e Finito) e Resíduo (Predicador, Complemento e Adjunto); a oração como mensagem, das funções Tema e Rema.” (PRAXEDES FILHO, 2010, p. 311).

Então, de acordo com o referido autor, da mesma forma que o contexto de situação é simultaneamente, campo, relações e modo, a semântica é simultaneamente ideacional, interpessoal e textual, a léxico-gramática é simultaneamente transitividade, modo e tema e, a oração é simultaneamente representação, interação e mensagem.

Por último, ocorre a semiose física, quando cada área formal da léxico-gramática é realizada pela fonologia (sistemas de sons) ou a grafologia (sistemas de letras) correspondentes ao terceiro estrato intralinguístico, em consonância com Praxedes Filho (2010).

A teoria de Halliday influenciou trabalhos de outros teóricos interessados na análise de textos não somente da perspectiva da língua verbal, mas também, a partir do entendimento, já preconizado por Halliday (1985) de que o texto, quer seja oral ou escrito, é um construto, cuja composição combina múltiplos recursos semióticos. Como explica Dionísio (2006):

“[...] quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações,

palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. (DIONISIO, 2006, p. 133).

Todos os recursos semióticos que usamos quando nos comunicamos, ao interagirem, constroem sentidos e colaboram para o entendimento do texto. Essa característica constitutiva dos textos gerou o conceito de multimodalidade. Entre os teóricos que analisam a construção de sentido realizada por meio dos modos semióticos verbais e visuais, estão Kress e van Leeuwen (1996). Os autores desenvolveram a gramática do design visual com a finalidade de compreender o papel dos recursos semióticos visuais presentes em um texto.

2.2.2 Sobre a gramática visual

Em seu livro, Kress e van Leeuwen (2006), esclarecem que nas culturas ocidentais, durante muito tempo, as imagens, dos quais fazem parte os desenhos, gráficos, mapas, fotos etc., tiveram seu valor comunicativo desprezado, pois sempre foram consideradas como meros instrumentos de auto-expressão ou de ilustração.

Em meio ao domínio outorgado à linguagem verbal, em especial à escrita, atualmente, o que se vê é um constante aumento do uso de imagens em todo tipo de texto. Da mesma forma, em virtude da tecnologia da informática, outros modos semióticos vêm desempenhando papéis cada vez mais importantes, na medida em que, a maioria dos textos quer no suporte impresso - em jornais, revistas, livros escolares etc. -, quer no eletrônico - em CD-ROMS ou *web sites* -, interage com imagens, gráficos e sons. Segundo os autores, a multimodalidade de textos escritos sempre foi ignorada, ao desconsiderar que o texto escrito envolve muito mais do que somente a língua verbal: ele é escrito sobre algum material (papel, madeira, metal etc.) e é escrito com alguma coisa (tinta, ouro etc.); com letras formadas a partir de diferentes tipos de fonte e cores; e com o *layout* imposto numa página impressa, na tela do computador ou numa placa de metal polido. Até mesmo um texto falado não é simplesmente verbal, mas também visual, ao se combinar com outros modos, como expressão facial, gestos, postura e outras formas de apresentação pessoal.

Conforme Kress e van Leeuwen (2006), todos os diferentes modos semióticos, a saber, visuais, verbais e sonoros de transmissão de informação constroem o sentido do texto e, foi pensando na multimodalidade da linguagem que os autores conceberam a gramática do design visual, com o objetivo de descrever a organização e a construção de sentido das imagens em estruturas visuais. E, para isso, se apóiam na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994), por considerarem que as imagens, assim como a língua, apresentam regularidades, que podem ser sujeitas a uma descrição relativamente formal. A isso, os autores, denominam de “gramática” (ênfase dos autores), a fim de chamar a atenção à regularidade culturalmente produzida. (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 20).

Dessa forma, os autores, também, entendem que a comunicação parte de uma base social, uma vez que, tanto a comunicação verbal quanto a comunicação visual expressam significados que pertencem e são estruturados pelas culturas numa determinada sociedade, o que significa dizer que, uma vez que as sociedades não são homogêneas, mas compostas por grupos com interesses variados e muitas vezes contraditórios, as mensagens produzidas pelos indivíduos vão refletir as diferenças, incongruências e conflitos que caracterizam a vida social. Segundo o relato dos autores e de acordo com sua experiência, frequentemente os diferentes modos escolhidos de representação da mensagem, através dos quais os textos são construídos, mostram essas diferenças sociais, de forma que, em um texto multimodal que usa imagens e escrita, a escrita pode carregar um conjunto de significados e as imagens outro, pois no dizer deles, “nem tudo que pode ser expresso em palavras, pode ser expresso em imagens ou vice-versa.” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p. 19).

Da mesma maneira que Halliday vê as formas gramaticais como recursos de codificação das interpretações de experiências e das formas de interação social, através da escolha entre diferentes classes de palavras e estruturas oracionais, Kress e van Leeuwen crêem que as estruturas visuais, também, apontam para interpretações especiais de experiências e para formas de interação social por meio da escolha entre diferentes usos de cor ou estruturas composicionais. Deste modo, de acordo com os autores, o design visual, assim como todos os modos semióticos, cumpre três grandes funções:

1. A função representacional que representa o mundo a nossa volta e dentro de nós;
2. A função interacional que possibilita relações sócio-interacionais;
3. A função composicional que apresenta a maneira pela qual as funções representacional e interacional se integram para a composição de um todo coerente. Essas denominações equivalem-se, respectivamente, às metafunções ideacional, interpessoal e textual de Halliday (1994).

A partir dessa perspectiva multimodal de análise de texto em que a linguagem é realizada através da interrelação de diferentes modos de representação, entre os quais estão os gestos, as imagens, os sons, a língua verbal etc., outros autores, dentre os quais está Lemke (2002), pensaram na necessidade de se entender os diferentes significados produzidos pelas modalidades semióticas presentes no ambiente da *web*, mais especificamente, no hipertexto. Em seu artigo, o referido autor amplia, assim, o conceito de multimodalidade, criando o termo hipermodalidade, definido por ele como a confluência da multimodalidade e do hipertexto. Segundo o autor, por hipermodalidade, entende-se que são as múltiplas interconexões, tanto potenciais quanto explícitas, que construímos entre a imagem, o texto e o som (elementos visuais, unidades textuais e unidades sonoras).

2.2.3 Sobre a hipermodalidade

Lemke (2002) defende que podemos usar os produtos semióticos, a fim de se tornarem recursos ativos ao se integrarem com o verbal para a criação de sentido adicional. Assim, da mesma forma que em textos multimodais no meio impresso, a força da comunicação visual é multiplicada (e não somada) ao ser codistribuída com a língua verbal, no ambiente da *web* constrói-se sentido por meio da interação da palavra, da imagem e do som, de forma a auxiliar a interpretação geral ou a de segmentos particulares do texto. É a essas novas interações, que Lemke dá o nome de hipermodalidade. Para o autor, a hipermodalidade é mais que a multimodalidade, da mesma forma que o hipertexto é mais que o texto, pois

imagem, texto e som não são justapostos; no hipertexto há múltiplas interconexões entre os diferentes modos de representação de mensagem. Tais interconexões, chamadas de *links*, podem ser invisíveis, passíveis de serem descobertas ao explorarmos a tecnologia que as aciona, como também, parcialmente explícitas, quando uma unidade de informação está marcada visualmente como a fonte de um vetor de ligação.

Neste momento, acreditamos ser necessário abriremos um parêntese, a fim de inserirmos um capítulo sobre o hipertexto e, assim, compreendermos melhor essa comparação que Lemke faz entre o texto e o hipertexto, no que se refere à construção de sentidos.

Com o surgimento do hipertexto, alguns teóricos perceberam a importância de se estudar como o leitor constrói sentido diante de uma tela que possui fragmentos de informações difundidos em forma de rede.

Assim, articulamos um diálogo com vários autores a cerca deste tema, na tentativa de entendermos esta questão. Pensamos, então, em apresentar uma sequência que se inicia com a história da origem do hipertexto e sua evolução ao longo dos anos, seguido dos tipos de hipertexto e a diferença entre multimídia e hipermídia, termos esses usados por Lemke em seu trabalho. Ao final do capítulo, apresentamos algumas conceituações de hipertexto e sua construção de sentido, feitas por diversos teóricos. Logo após, retomamos o conceito de hipermodalidade em Lemke (2002).

2.2.3.1 Como surgiu a ideia do hipertexto

A ideia do hipertexto nasceu com a preocupação de se criar uma ferramenta que pudesse armazenar informações e dados diversos articulados em forma de uma trama e efetivados numa rede mundial de comunicação entre os computadores, no qual as pessoas ao acessarem seus computadores, compartilhariam deste grande arquivo de informações, além de permitir a comunicação entre os diversos usuários deste sistema.

Segundo autores como Lévy (1993) e Komesu (2005) a concepção do hipertexto desenvolveu-se a partir de Vannevar Bush, matemático e físico dos Estados Unidos, que escreveu um artigo em 1945 durante a Segunda Guerra Mundial “*As We May Think*”. Nessa época, Bush era diretor do escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico do governo Roosevelt. O artigo foi publicado no periódico *The Atlantic Monthly*, no qual Bush propunha a criação de um reservatório de documentos que contivesse, ao mesmo tempo, textos escritos, imagens e sons. Esse dispositivo anterior ao computador, chamado por ele de *Memex*, seria de uso pessoal baseado em microfilme que visaria mecanizar a armazenagem de informações, tais como, livros, arquivos, mensagens e comunicados. Essas informações seriam, então, selecionadas por meio de uma trilha associativa, ideia esta que já subjazia a não-linearidade. Bush (1945) idealizou este sistema com base no funcionamento da mente humana que, segundo o autor, opera por associação, passando de um item para outro instantaneamente, de acordo com uma intrincada rede de atalhos transportada pelas células do cérebro. No entanto, o próprio autor reconheceu a dificuldade de realizar a reprodução do processo mental de maneira artificial, mas acreditou que o homem poderia aprender com ele. Conforme Komesu (2005, p. 89), “o *Memex* tornou-se um paradigma na história das chamadas tecnologias da inteligência e, conseqüentemente, na do hipertexto.”

Em meados dos anos 50, segundo Lévy (1993), Douglas Engelbart, diretor do *Augmentation Research Center* do *Stanford Research Institute*, após ter imaginado programas para comunicação e trabalho coletivos por computador, atualmente chamados de *groupwares*, testou pela primeira vez a tela com múltiplas janelas de trabalho e a possibilidade de manipular: os complexos informacionais representados na tela por um símbolo gráfico através do uso de um *mouse* (também inventado por ele); as conexões associativas em bancos de dados ou entre documentos escritos por diferentes autores; os grafos dinâmicos para representar estruturas conceituais; e os sistemas de ajuda ao usuário, integrados aos programas. Essas idéias de Engelbart viriam a ser usadas posteriormente por empresas como a Apple e a Xerox.

Na década de 60, outro pesquisador americano, Theodor Nelson, inventa o termo hipertexto para “expressar a idéia de escrita/leitura não-linear em um sistema de informática” (LÉVY, 1993, p. 29). Nelson cria o Projeto Xanadu, que nunca saiu do papel, com o objetivo de construir uma rede acessível em tempo real que contivesse toda a biblioteca literária e científica do mundo. Milhões de pessoas se utilizariam dessa rede para escrever, interconectar-se, interagir, comentar textos, filmes e gravações sonoras que estivessem disponíveis na rede. Segundo Aquino (2006), Nelson pretendia que as informações interligadas pudessem ser acessadas de forma arbitrária e não sequencial.

Em 1989, o inglês Tim Berners-Lee, enquanto cientista do CERN (Centro Europeu de Pesquisa Nuclear) com base na Suíça, criou a *World Wide Web* para fazer a conexão entre os computadores das instituições de pesquisa e atender à demanda por informação automática entre os cientistas, uma vez que a troca de conhecimento entre os pesquisadores, até então, era feita em papel, dificultando e atrasando o trabalho na maioria das vezes. Somente com o desenvolvimento da *World Wide Web* é que a aplicação da prática hipertextual acabou sendo efetivamente utilizada e disseminada. Lee, também, inventou o HTML (*Hypertext Markup Language*), uma linguagem de programação hipertextual, que possibilitou a interconexão entre diferentes máquinas e a conseguinte comunicação entre elas, a partir de uma localização específica para cada computador, denominada de URL (*Uniform Resource Locator*) – sistema de endereçamento da *web*. Foi criado, então, um protocolo denominado de HTTP (*Hypertext Transfer Protocol*), usado para a transmissão de dados no sistema *World Wide Web* necessário para acessar a URL, em conformidade com Aquino (2006).

Essa fase corresponderia à primeira geração a que Primo e Recuero (2006) se referem ao estabelecerem três gerações para o suporte hipertextual. A primeira, referente aos primeiros dez anos, tinha o caráter de publicação, isto é, era vinculado ao meio impresso, no qual os rodapés, as remissões e os índices faziam a interligação de diferentes textos. Nesse período os *sites* eram produzidos como unidades isoladas, pois eram marcados pela linguagem HTML e pelo sistema de

envio de informações produzidas *off-line* via FTP⁶ a um servidor. Tal documento, nessa primeira fase, em que os *links*, ainda, não se faziam presentes, segundo Gomes (2007), não é considerado um hipertexto, uma vez que os *links*, além de ser um elemento constitutivo característico do hipertexto, exercem, também, uma função textual, na medida em que fornecem possíveis caminhos de leitura, e não apenas uma função navegacional. Essa afirmação de Gomes será corroborada a seguir, quando falarmos sobre as conceituações de hipertexto, mais especificamente sobre os *links*, sob o ponto de vista de diversos autores.

Os hipertextos de segunda geração, em conformidade com Primo e Recuero (2006), surgiram com a evolução da tecnologia da informática, nos quais os *links* conferiram velocidade à conexão entre documentos digitais, ficando a cargo de o internauta decidir quais *links*, predeterminados pelo produtor do hipertexto, ele gostaria de seguir.

Ainda, de acordo com os referidos autores, a terceira e atual geração do hipertexto, a *web 2.0*, caracteriza-se pela colaboração ou produção colaborativa. Em outras palavras, os *sites* antes trabalhados como unidades isoladas, passam, agora, a ser produzidos em uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo que não só leva em conta a leitura multidirecional, mas que permitem a abertura dos hipertextos à participação dos internautas, outorgando-lhes a liberdade da escrita hipertextual participativa ao possibilitar que o próprio internauta crie seus *links*. Essa característica, segundo os autores, não pressupõe que essa fase tenha melhor qualidade que as anteriores e por isso mesmo não são consideradas fases sucessivas e excludentes, uma vez que nem todos os hipertextos são ou deveriam ser abertos à escrita de todo e qualquer interagente.

⁶ O protocolo FTP é um dos serviços que a internet oferece para transmissão de arquivos. Outros serviços da internet são: e-mail (protocolo SMTP), sincronizador de horário entre computadores (protocolo NTP), dentre outros. (RIGOLIN, 2006, p.37).

2.2.3.2 Tipos de hipertexto

Com base em Berners-Lee⁷, Gomes (2007) apresenta em seu trabalho dois tipos de hipertexto, o aberto, cujos conteúdos se distribuem em vários repositórios ou servidores, a *World Wide Web* (WWW), por exemplo, sendo possível fazer referências ou *links* entre documentos armazenados em servidores distintos; e o fechado, cujo conteúdo se encontra em uma única unidade de armazenamento, como o CD-ROM⁸, ou servidor, e os *links* são feitos entre os documentos que residem nesse mesmo servidor.

2.2.3.3 Multimídia e hipermídia

Uma vez que apresentamos os tipos de hipertexto, faz-se necessário, também, explicar a diferença entre multimídia e hipermídia, já que ambos os termos são usados e muitas vezes com o mesmo sentido. O termo multimídia, segundo o Dicionário Aurélio - Século XXI (1999), é o conjunto de diversas formas de apresentação de informações, como textos, imagens, sons, vídeos, animações etc., em um único sistema.

Em consonância com Gomes (2007), o termo hipermídia originou-se da fusão de recursos multimídia ao hipertexto. Esse sistema permite o acesso simultâneo, através dos *links*, a um conjunto de informações na forma de textos, imagens, gráficos, sons e vídeos, e, se dá em ambiente digital aberto, como a internet, de forma interativa e não-linear. Assim, segundo o referido autor, produtos em sistemas fechados como o CD-ROM, por exemplo, se utilizam de multimídia permitindo o acesso não-linear, mas finito, aos conteúdos que podem ser textos, imagens e sons. Já a hipermídia, própria de sistemas abertos como a WWW (*World Wide Web*), o nível de interatividade e de possibilidades tende ao infinito.

⁷ BERNERS-LEE, T. et al. The world wide web. Communications of the ACM, 1994.

⁸ Segundo Gomes (2007), CD-ROM é o acrônimo de *Compact Disc – Reading Only Memory* ou Disco Compacto: Memória Somente para Leitura.

Depois de conhecermos alguns detalhes técnicos e de como e porque se deu a origem do hipertexto, bem como, seu desenvolvimento ao longo dos anos, torna-se necessário entendermos como se dá sua forma de apresentação e de organização estrutural.

Ao longo de nossa revisão bibliográfica, percebemos que os diversos autores aqui referidos, além de descreverem os elementos constitutivos da estrutura do hipertexto, também, procuraram esclarecer, como cada um desses elementos contribui para a construção de sentido. Embora, neste trabalho não pretendamos definir o hipertexto, até porque se trata de uma categoria que ainda é muito discutida no âmbito acadêmico, procuramos construir um diálogo entre os autores aqui mencionados, o que nos ajudará a entender os pressupostos de Lemke. Assim, no próximo subcapítulo revisamos os conceitos que alguns teóricos elaboraram acerca da estrutura do hipertexto, como também, de suas características.

2.2.3.4 Conceituações de hipertexto

Para teóricos como Lévy (1993, p.33), o hipertexto pode ser definido “como um conjunto de nós interligados por conexões de maneira não-linear.” Conforme Keep, McLaughlin & Parmar (2000), o hipertexto apresenta as informações distribuídas em uma rede de nós que estão conectados entre si, na qual os leitores são livres para navegar de forma não-linear. Koch (2007), ao conceituar o hipertexto, assevera que:

O termo hipertexto designa uma escritura não-seqüencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real. (KOCH, 2007, p. 25).

Nessas avaliações acima, os autores, cada um ao seu modo, definem o hipertexto de forma similar e, chamam-nos a atenção alguns elementos que cunham suas explicações, como: a leitura não-linear, a presença de nós e de *links* ou conexões. Com base em alguns teóricos, gostaríamos, então, de esclarecer o sentido e o papel de cada um deles no processo de leitura em geral.

A LEITURA NÃO-LINEAR

A leitura não-linear não é própria somente do hipertexto, pois também no meio impresso o leitor pode seguir múltiplos percursos de leitura, já que os textos escritos nesse meio tradicional nos são apresentados em um formato bidimensional, como explica Lemke (2002), que nos leva a percorrer as páginas, distinguindo cabeçalhos e barras laterais e a ler grupos de palavras em linha horizontal e vertical. As várias fontes visuais como o tipo de letra, parágrafos, títulos, número da página etc., salientes aos nossos olhos, atraem nossa atenção e interesse. Assim, quando temos um livro nas mãos, podemos ir direto ao índice, verificar o conteúdo da capa e contracapa, a bibliografia, o glossário, ou seja, muitas podem ser as trajetórias dos nossos interesses de leitura. Isto é o que o autor chama de movimento de vai e vem (*traversal*) no meio impresso e que caracteriza uma interação não-linear. (LEMKE, 2002, p.301).

Lévy (1993, p. 37) admite, também, que o hipertexto tomou emprestados alguns dos dispositivos pertencentes ao meio impresso, citando, para isso, a forma de consulta ao dicionário, “onde cada palavra de uma definição ou de um exemplo remete a uma palavra definida ao longo de um circuito errático e virtualmente sem fim.”

A principal diferença entre o meio impresso e o eletrônico, em conformidade com Lemke (2002), é que a rede de conectividade de um hipertexto, realizável pelo suporte informático, ativa nossas expectativas de que haverá ligações ou *links* que nos levam a outros textos fora da unidade de texto que se está lendo, ou seja, é como se os *links* representassem as diferentes páginas de um livro impresso, como, por exemplo, quando o leitor deseja seguir sua leitura, vira uma página. No caso do hipertexto, ele pode clicar em um *link* para continuar a ler. Este percurso entre as diferentes “páginas” é viabilizado pela velocidade de acesso que, de acordo com Lévy (1993), permite que o princípio da não-linearidade possa ser utilizado em toda sua extensão. No entanto, conforme destaca Lemke (2002), no hipertexto há somente digressões em diferentes escalas, sem um único desenvolvimento unificador narrativo ou sequencial de uma tese. Essa característica

da organização textual do hipertexto em não ser dependente de um eixo central que sustente um conjunto hierarquicamente organizado de informações secundárias, faz com que o leitor escolha e determine tanto a ordem de acesso às diferentes unidades de texto disponibilizadas no hipertexto, quanto o eixo coesivo que dá ao texto lido um sentido global, segundo Braga (2004).

Em consonância com Marcuschi (1999), isso faz do leitor também um coautor, já que é ele quem determina a sequência de leitura no hipertexto e decide seguir os caminhos contendo os diferentes blocos de texto disponibilizados pelo autor, sem que este último tenha qualquer controle sobre a ordem de leitura e o conteúdo a ser lido, em outras palavras, é o leitor quem vai determinar o formato da versão final do seu texto, de acordo com suas necessidades e em função de suas condições cognitivas ou interesses específicos. Ao autor cabe providenciar a forma de estruturação do hipertexto que possibilite o leitor a construir coerência, ou seja, os *links* e as informações constantes nos nós são essenciais para tornar a coerência possível. Essa propriedade, inerente à textualidade⁹, é a que possibilita a interpretação e a unidade de sentido do texto.

OS NÓS

“Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos” (LÉVY, 1993, p. 33). Keep, McLaughlin & Parmar (2000) definem os nós como uma unidade de informação integrada e autosuficiente que pode ser menor em relação ao documento completo. Os nós no hipertexto, então, são blocos de texto ou unidades de informação que podem conter sons, vídeos, textos, fotos etc., criados e organizados pelo autor do hipertexto que os interconecta para orientar as escolhas de percurso do leitor. Segundo Keep, McLaughlin & Parmar (2000), podemos

⁹ Toda função comunicativa caracteriza-se pela sua textualidade ou forma textual que é a estrutura necessária para a efetivação de qualquer língua e o processo textual se torna coerente, na medida em que o locutor realiza intencionalmente uma função sócio comunicativa que venha a ser identificada por aqueles envolvidos na comunicação. Dessa forma, textualidade refere-se às características que definem os diferentes tipos de textos e são essas características ou propriedades que nos ajudam a reconhecer de que tipo é o texto para o qual estamos olhando. Entre essas propriedades estão os conceitos de coerência e coesão que são importantes tanto para a Linguística Sistemico-Funcional como para outras orientações como a Linguística Textual, em conformidade com Trask (2004).

identificar os nós por meio de uma parte visível de um *link*, chamada de âncora, que varia de tamanho, podendo ser de uma palavra até o conteúdo todo do nó. Para ativar o *link*, o leitor seleciona a âncora que o levará até o nó correspondente.

OS LINKS

Para Koch (2007), os *links* funcionam como portas de entrada para outros espaços e classifica-os como: fixos, com espaço estável e constante no *site*, fazendo parte da estrutura da página; e os móveis, que flutuam no espaço hipertextual, remetendo o leitor a outras páginas fora do *site* que se está lendo. A esses últimos a autora atribui três funções: a dêitica-catafórica, quando eles focalizam nossa atenção, indicando que existe um lugar fora do texto que está na tela e que pode ser acessado a qualquer momento, de maneira que o leitor possa dar continuidade e aprofundar-se em sua leitura, uma vez que ele é remetido a outros textos; a coesiva, ao unir as informações contidas nos diferentes nós, cabendo ao autor do hipertexto formulá-los de maneira que o leitor, ao reconhecer a conexão entre os constituintes da página, construa um modelo mental coerente do texto que está lendo; e a cognitiva, quando “o *link* exerce o papel de “encapsulador” - grifo da autora - de cargas de sentido” (KOCH, 2007, p.27). Em outras palavras, a partir de uma construção estratégica por parte do autor do texto, os *links* acionam modelos (ícones, esquemas, *frames*), que o leitor tem representados na memória, dando pistas do que poderá estar por detrás daquele *link*, permitindo que o leitor possa construir uma progressão textual que tenha sentido.

Já Storrer (2002) classifica-os como: internos, que conectam a nós dentro do mesmo *site*; e externos, que provêm ligações a outros *sites* da *web*. Segundo a autora (2001), os indicadores de *links* ou âncoras podem ser confeccionados ou configurados como botões, palavras ou gráficos sensíveis, bastando um clique do *mouse* sobre um indicador de *link* no nó A para sermos remetidos a um nó B interligado. Essas conexões eletrônicas ou *links*, previamente disponibilizadas pelo autor do hipertexto, que conectam um nó ou bloco de texto ao outro tornando possível a interação entre eles, são geralmente diferenciadas pela cor da fonte azul, ou por ícones para despertarem a atenção do leitor, de forma que ele possa decidir

seu percurso de leitura. Uma vez acionada uma dessas conexões, são exibidos os nós na tela divulgando informações que não são necessariamente dependentes entre si, e, que ganham sentido, à medida que o leitor traça uma sequência coesa que resultará em seu próprio texto. Lembrando que a coesão é outra propriedade da textualidade, que tem como papel integrar as partes por modos e recursos gramaticais e lexicais assegurando a sequência e a continuidade de sentidos, estabelecendo as relações de natureza semântica entre os textos.

Além da característica central do hipertexto de não-linearidade, favorecida pela sua estrutura reticular com ligações (*links*) entre os nós, explicada anteriormente, procuramos considerar outras propriedades do hipertexto, com base em alguns autores:

- ◆ Volatilidade – em virtude da natureza do suporte, o hipertexto não tem estabilidade, o que lhe dá um caráter essencialmente virtual, conforme Marcuschi (1999);
- ◆ Topografia – trata-se de um espaço não hierárquico de escrita e leitura que não tem limites definidos para se desenvolver, segundo Marcuschi (1999);
- ◆ Fragmentariedade – o conteúdo ou as informações, apresentados no hipertexto, estão fragmentados em unidades menores e interconectados pelos *links* e, como o hipertexto não tem um centro regulador imanente, é o leitor quem constrói a coesão, de acordo com Marcuschi (1999);
- ◆ Multisemiose – por tornar possível que a linguagem verbal seja simultaneamente interligada à linguagem não-verbal, como sons, gráficos, imagens, vídeos, de forma integrativa numa mesma superfície de leitura, consoante Koch (2007);
- ◆ Intertextualidade – Koch (2007, p. 25) destaca que o hipertexto “funde e sobrepõe inúmeros textos que se tornam simultaneamente

acessíveis a um simples toque de *mouse*.” O que faz do hipertexto um texto múltiplo, segundo a autora;

- ◆ Interatividade – além da característica não-linear de interatividade proporcionada pelos *links*, o hipertexto, em conformidade com Pinheiro (2005, p. 138), possibilita “conversar” com o autor do hipertexto, em tempo real, quer por bate-papo ou por e-mail para fazer críticas e sugestões, fazendo com que a leitura seja envolvente, ao mesmo tempo em que torna o leitor mais ativo, diminuindo, assim, a distância entre autor e leitor.

Xavier (2004) destaca, ainda, que o hipertexto é ubíquo, de acessibilidade ilimitada e, pelo fato dele viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos em sua superfície de leitura virtual tais como textos, ícones animados, sons, gráficos, próprios da multisemiose, confere-se ao hipertexto um caráter interativo que envolve o leitor, no que o autor chama de leitura multisensorial ou sinestésica, fazendo com que o processo de leitura seja muito mais envolvente no meio eletrônico do que no impresso. Ainda de acordo com o referido autor, a utilização de múltiplos recursos semióticos bem organizados e devidamente interrelacionados, por parte do produtor/autor do hipertexto, pode aumentar a compreensão das ideias e conceitos transmitidos, de forma que o leitor ficará mais estimulado e engajado no processo de apreensão da significação, ao poder contar com outros produtos semióticos, além da linguagem verbal, para estabelecer sua intenção de leitura.

A partir dessa revisão teórica que procuramos apresentar, percebemos que os autores aqui citados, interessados em investigar sobre o hipertexto e a construção de sentido, estabelecem uma comparação entre o texto e o hipertexto e corroboram da tese de que o hipertexto, como é concebido, não centra sua organização textual e, por causa disso, não presume uma recepção completa de seu conteúdo que está distribuído e interligado entre seus elementos constitutivos, os nós e os *links*.

Portanto, o leitor, ao se deparar diante de uma tela que possui fragmentos de informações difundidos em forma de rede, tem a importante responsabilidade de

construir sentido, segundo seus interesses e objetivos. As escolhas que o leitor fizer vão resultar em um texto único e pessoal seu. Contudo, o autor do hipertexto será responsável por tal construção de sentido, à medida que ele é quem deverá prever e distribuir as unidades de informação ao longo do hipertexto. É um espaço, onde os poderes são divididos, uma vez que o autor tem a projeção da imagem do leitor em seu horizonte e, o leitor é coautor, pois o acabamento do hipertexto não pode abrir mão de sua participação, como assevera Koch (2007).

Além disso, conforme Braga (2004), a estrutura hipertextual permite uma multiplicidade de sentidos que se torna ainda mais evidente no ambiente hipermidiático, no qual o hipertexto ao agregar-se a unidades de informação de natureza diversa (texto verbal, imagens, animações, vídeos, efeitos sonoros, música, entre outros), “gera uma nova realidade comunicativa que ultrapassa as possibilidades interpretativas dos gêneros multimodais tradicionais.” (BRAGA, 2004, p. 148).

2.2.3.5 Retomando a hipermodalidade em Lemke

Lemke (2002) assevera que no meio impresso, nós sabemos como ligar imagens gráficas com certas unidades verbais (através de rótulos, legendas, textos explicativos), tanto em revistas, jornais, quanto em artigos científicos para construir um sentido, nos quais se encontram dispositivos organizacionais, como caixa de caracteres ou justaposição combinados com conteúdos semânticos, para nos indicar o que vai com o que, ao longo do divisor modal entre texto e imagem.

Entretanto, no ambiente hipermidiático, o leitor percorre os *links* para interagir com um conjunto de informações multimodais, distribuído multilinearmente.

Tais fatores, como o percurso entre os *links* e a interação com informações multimodais, segundo Lemke (2002), levam a construir sentido de forma diferente do que aqueles fornecidos pelo meio impresso e, por isso, ressalta que no processo de construção de sentido com a hipermídia é necessário

examinarmos dois tipos de recursos, que vão além das possibilidades de comunicação do texto simples.

Conforme o autor, o primeiro deles, que se deve levar em consideração, é a semântica do hipertexto, assim definida como as possibilidades de comunicação do suporte hipertextual para a construção de relações de sentido ao longo das muitas trajetórias possíveis – seus *links*. Para Lemke (2002), o *link* fornece, essencialmente, uma relação de sentido intertextual e, da mesma forma que construímos sentido ao longo de muitos parágrafos ou capítulos no texto impresso, que não são construídos dentro de um único parágrafo ou capítulo, também, construímos sentido no hipertexto ao longo de extensos *links* (através de 10, 30, 100 ou mais unidades de informação ou nós) que não são nem construídos em uma unidade de informação ou nem, através dos *links* entre duas unidades de informação.

Para explicar as relações de sentido que são construídas entre as unidades de informação através de um *link* no hipertexto, Lemke (2002) se vale das categorias do modelo de Halliday (1994) que tem o complexo oracional como base, o qual diz respeito à maneira como as orações se ligam uma à outra para assim formarem complexos de orações. Esse complexo oracional é realizado a partir do cruzamento das relações tácticas e lógico-semânticas.

Vamos procurar entender um pouco melhor sobre essas relações. Como vimos no capítulo em que falamos da LSF de Halliday, no primeiro estrato intralinguístico – o semântico -, a metafunção ideacional tem dois componentes: o experiencial e o lógico. O experiencial descreve o fluxo de eventos de nossas experiências do mundo exterior e interior e, o lógico é responsável pela formação dos complexos experienciais. Vimos, também, que o segundo estrato intralinguístico – o da léxico-gramática -, constrói o tipo de significado respectivo da semântica. Assim, é que, no significado experiencial, a estrutura da oração como representação do mundo real, da maneira como é apreendido pelas nossas experiências, é organizada, primeiramente, pelas funções configuracionais do sistema (ou da gramática) de transitividade de Participantes, Processos e Circunstâncias, respectivamente em grupos nominais, verbais e adverbiais ou de frases

preposicionais. E em segundo lugar, no significado lógico, a estrutura da oração é formada pela gramática das relações táticas e lógico-semânticas para a organização desses grupos em forma de complexos oracionais, segundo Praxedes Filho (2010), Halliday (1985) e Halliday e Matthiessen (2004).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), em todo tipo de texto a gramática é responsável por realizar a combinação das orações e transformá-las em complexos oracionais, sendo que tais complexos servem para construir sequências semânticas – não do texto todo, mas sequências locais entre o fluxo de eventos que juntos montam o texto. Segundo os autores, a gramática liga uma oração a outra por meio de conjunções – adversativa, temporal, concessiva, causal, entre outras e por formas verbais não-finitas que não necessariamente precisam estar explícitas, mas podem estar marcadas por sequências de elipses, caracterizando a relação semântica entre as orações. Para os autores, semanticamente, o efeito de combinar as orações em um complexo oracional é o de maior integração de sentido.

O componente lógico possui dois sistemas básicos que determinam como uma oração se liga a outra: as relações táticas e as lógico-semânticas.

As relações lógico-semânticas consistem de dois tipos fundamentais, em consonância com Halliday e Matthiessen (2004):

- a. Expansão: quando a oração secundária expande a primária, a partir de outros três subtipos:
 - i. Elaboração: nesse caso, a oração é reafirmada com outras palavras, especificada com mais detalhes, comentada ou exemplificada. Os recursos usados para esses fins seriam as expressões, “i.e.”, “por exemplo” e “a saber”. Ex.: O John não esperou; ele fugiu. (*John didn't wait; he ran away*);
 - ii. Extensão: uma oração é expandida em outra ao estender-se além dela, através da adição de uma nova

informação ou ao fornecer uma alternativa. Nesse caso, as conjunções usadas são, “e” e “ou”. Ex.: O John fugiu e o Fred ficou para trás. (*John ran away, and Fred stayed behind*);

iii. Realce: por meio do uso das palavras, “portanto”, “todavia” e “então”, uma oração é expandida em outra para qualificá-la com alguma característica circunstancial de tempo, lugar, causa ou condição. Ex.: O John estava com medo, então ele fugiu. (*John was scared, so he ran away*).

b. Projeção: quando a oração secundária é projetada através da oração primária, a partir de dois subtipos:

i. Locução: uma oração é projetada por outra quando a introduz como algo dito. Nesse caso é comum o uso do verbo “dizer”. Ex.: O John disse: “Eu vou fugir”. (*John said: “I’m running away”*);

ii. Ideia: uma oração é projetada por outra quando introduzida como algo pensado, uma ideia. Para isso, usa-se o verbo “pensar”. Ex.: O John pensou: “Eu vou fugir”. (*John thought to himself: “I’ll run away”*)¹⁰.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004) todas as orações ligadas pela relação lógico-semântica apresentam dois graus de interdependência, chamado de relação táctica, são eles: hipotaxe, que se refere à relação entre um elemento dependente e seu dominante, ao qual o dependente está subordinado; e parataxe, que se refere à relação entre dois elementos iguais – com o mesmo status -, em que um inicia e o outro continua. Na figura abaixo, vamos ver como se dá essa combinação com os exemplos já citados acima:

¹⁰ Exemplos extraídos do original de Halliday e Matthiessen (2004, p. 378-380).

		Paratática	Hipotática
(1) Expansão	(a) elaboração	1 O John não esperou; 2 ele fugiu.	α O John fugiu, β o que surpreendeu a todos.
	(b) extensão	1 O John fugiu, 2 e o Fred ficou para trás.	α O John fugiu, β enquanto que o Fred ficou para trás.
	(c) realce	1 O John ficou com medo, 2 então ele fugiu.	α O John fugiu, β porque ele estava com medo.
(2) Projeção	(a) locução	1 O John disse: 2 "Eu vou fugir".	α O John disse β que ele estava fugindo.
	(b) ideia	1 O John pensou consigo: 2 " Eu vou fugir".	α O John pensou β que ele iria fugir.
Legenda: Parataxe: Oração primária 1 (inicia) – Oração secundária 2 (continua) Hipotaxe: Oração primária α (dominante) – Oração secundária β (dependente)			

Figura 1 – Tipos básicos de relação entre orações, adaptada e traduzida por nós, a partir do original em Halliday e Matthiessen (2004, p.380)

Ainda, conforme ambos os autores, apesar dos exemplos citados envolverem um tipo único de relação lógico-semântica combinada tanto com a hipotaxe quanto com a parataxe, frequentemente, as orações podem envolver mais de um tipo de relação lógico-semântica e mais de um tipo de taxie ou ambos ao mesmo tempo.

O que Lemke (2002) considera útil no modelo de Halliday é o fato dessas relações serem, essencialmente, binárias, ou seja, elas podem produzir ligações locais de sentido, sem depender da existência de estruturas maiores que venham a conflitar com a abertura do hipertexto para percursos alternativos.

De acordo com os pressupostos de Lemke (2002), três são os tipos de relação construídos entre *web pages* consecutivas ou nós hipertextuais. Esses três tipos semióticos se baseiam nas metafunções hallidayanas, são eles:

A Representacional

- ◆ Os *links* que ligam um conjunto de tópicos específicos de relações semânticas a outro, da mesma maneira que tais conjuntos estão conectados internamente, por exemplo: atividade a atores, objeto a qualidades, evento a maneira, atividades ligadas por atores comuns e vice e versa etc.;
- ◆ Relações lógicas de expansão e projeção: reafirmação, especificação, exemplificação, comentário; adição, exceção, alternativa, condicionalidade, causalidade, contextualização, citação, opinião.

A Orientacional

- ◆ Oferta e resposta (aceitar, considerar, ceder, rejeitar, contraofertar; oferta e demanda de informação, ação e reação;
- ◆ Estado de coisas e avaliação (garantia, desejo, importância, normatividade, usualidade, compreensibilidade, humor).

A Organizacional¹¹

- ◆ Coesão lexical: relações de repetição, sinonímia, hiponímia, meronímia, com base nas características representacionais ou orientacionais.

Segundo Lemke (2002), ao seguirmos de nó a nó, cada par de informações conectado pode ter muitas das relações mencionadas acima e, para cada uma das classes gerais de conexões semânticas listadas acima, existem formas visuais correspondentes.

Como nosso estudo objetiva analisar a natureza hipermodal do dicionário *online* LEO, a partir da relação de seus aspectos estruturais com o recurso semiótico organizacional, vamos expor, brevemente, como Halliday e Matthiessen (2004) descrevem o sistema de coesão, para percebermos como se dá o construto coesivo

¹¹ Tomamos como referência a tradução dos termos “presentational”, “orientational” e “organizational” feita por Taís Bressane em seu trabalho “Navegação e construção de sentidos” – 2007.

da relação entre os *links* sob a ótica da função organizacional apresentada por Lemke.

A função organizacional corresponde à metafunção textual de Halliday. Semanticamente, conforme explica Praxedes Filho (2010), a realização dos significados textuais, no desdobramento do texto, acontece através da coesão.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), a léxico-gramática desenvolveu recursos para criar ligações coesivas que têm a habilidade de transcender as unidades gramaticais, com o intuito de indicar os relacionamentos semânticos no desenrolar do texto. Tais recursos, segundo os autores, são conhecidos como o sistema de coesão, o qual inclui o sistema de conjunção para marcar as transições textuais no desenrolar do texto; e, os sistemas de referência, a elipse, bem como, a coesão léxica para manipular o status textual dos elementos no fluxo das informações. Em outras palavras, enquanto a conjunção indica as relações pelas quais são criadas as transições entre as mensagens como um todo no texto, o status textual tem a ver com o modo como os componentes das mensagens são processados como informações.

Como vimos, anteriormente, em consonância com os referidos autores, o complexo oracional é o domínio mais extenso da estrutura gramatical, estrutura essa que se desenvolve a partir das relações lógico-semânticas, as quais são usadas para ligar os pares de orações, sendo que o sistema coesivo de conjunção fornece os recursos complementares para marcar as relações lógico-semânticas entre textos de tamanhos variados, auxiliando na transição de uma oração a outra ou entre complexos oracionais ao longo de um texto.

A referência, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), cria coesão ao fazer a ligação entre os elementos, por meio de pronomes demonstrativos, pronomes pessoais, entre outros. O sistema de referência é marcado coesivamente como um elemento identificável, por meio de uma unidade gramatical que aponta para algo que foi dito anteriormente ou que vai ser dito posteriormente. A referência pode ser exofórica, quando a fonte para sua interpretação está fora do texto e só pode ser encontrada através de um exame do contexto, ou endofórica, quando a

fonte interpretativa do termo implícito está dentro do texto. Essa referência se subdivide em anafórica, quando um elemento aponta para algo que foi expresso anteriormente e, catafórica que aponta para algo que está por vir no desenrolar do texto. E a elipse torna possível omitir partes de uma estrutura oracional, uma vez que se possa presumi-las, a partir do ocorrido anteriormente.

A coesão, segundo os autores, também, opera dentro da zona lexical da léxico-gramática, ou seja, o falante ou escritor cria coesão no discurso, através da escolha de unidades lexicais. Os tipos primários de relações lexicais – repetição, sinonímia, hiponímia, meronímia e colocação – derivam tanto da organização lexical paradigmática (o conjunto de opções disponíveis), quanto sintagmática (o que vai junto com o que).

As relações paradigmáticas, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004) são inerentes à organização do léxico como um recurso que podem ser interpretadas em termos de elaboração e extensão, dois dos subtipos da expansão que conhecemos nas relações lógico-semânticas usadas na formação de complexos oracionais.

Para as relações de elaboração, Halliday e Matthiessen (2004) apresentam três tipos:

1. Repetição: a coesão lexical se dá quando uma unidade lexical ocorre repetidamente;
2. Sinonímia: a coesão lexical resulta da escolha de uma unidade lexical que é sinônimo do precedente. Nesse tipo estão, também, os antônimos que se referem às unidades lexicais com significação oposta e, igualmente, funcionam com efeito coesivo em um texto;
3. Hiponímia: baseia-se na classificação: do específico ao geral. Hipônimo, de acordo com Hasan (1985), é a relação que existe entre uma classe geral e suas subclasses, sendo que a unidade lexical referente à classe geral é chamada de superordinada e as referentes

às subclasses são conhecidas como seu hipônimo. Vamos exemplificar: Flor é a classe geral e rosa, margarida, cravo, tulipa etc. são hipônimos de flor e co-hipônimos entre si.

A meronímia é uma relação que está dentro do domínio da extensão, segundo Halliday e Matthiessen (2004). Enquanto o sentido geral de hiponímia é ser “um tipo de”, como por exemplo, petúnia é um tipo de flor, a meronímia refere-se a “uma parte de”, por exemplo: pétala, estigma, cálice etc. são partes de uma flor e co-merônimos entre si.

Segundo os referidos autores, a hiponímia e a meronímia frequentemente trabalham juntas no desenvolvimento de um texto, como quando uma entidade é subclassificada em subclasses ao fazer referência às propriedades de suas partes, na verdade, o que os autores afirmam é que não há uma linha muito clara entre meronímia e hiponímia, especialmente com termos abstratos, no entanto, como cada uma das relações é uma fonte de coesão lexical, não é necessário insistir em decidir entre eles.

As relações sintagmáticas se acham entre as unidades lexicais em um sintagma que tendem a ocorrer juntos ou colocados um com o outro. Apesar de não depender de nenhuma relação semântica como nos tipos acima mencionados, segundo Halliday e Matthiessen (2004), há uma associação especial entre as unidades lexicais em questão – uma tendência de coocorrência, conhecida como colocação. De acordo com os referidos autores, uma vez que a organização sintagmática e a organização paradigmática representam duas dimensões diferentes de padronização, qualquer par de unidades lexicais pode envolver ambas. Assim, mesmo que haja uma relação de sinonímia entre as unidades lexicais, seu efeito coesivo tende a depender mais da colocação, como uma tendência de coocorrência, em que ambas as relações reforçam uma a outra. Segundo os autores, quando não há uma colocação regular entre pares de sinônimos, o efeito coesivo tende a ser fraco, enquanto que as palavras associadas, embora sem nenhuma relação semântica, estabelecem efeitos coesivos mais claros.

Essas são, em síntese, as categorias, às quais Lemke (2002) se referiu e que definem, sob seu ponto de vista, a semântica do hipertexto, um dos dois recursos que contribuem para a construção de sentido nesse meio.

De acordo com o referido autor, o segundo tipo de recurso a ser analisado no processo de construção de sentido com a hipermídia é a integração dos recursos verbais e visuais – a multimodalidade.

Lemke (2002) parte do princípio com Kress e van Leeuwen (1996), de que toda semiose é multimodal, pois acredita que não é possível construir sentido por meio de só um sistema semiótico. Para o autor, podemos interpretar os sons acústicos da fala pelo sistema linguístico, como apresentações de unidades lexicais que estão organizados de acordo com uma gramática linguística, por exemplo. No entanto, tais sons podem ser interpretados como sinais indicativos da identidade pessoal, do nível social, do estado de saúde e da condição emocional do falante. Se escolhermos escrever as palavras, eliminando a possibilidade de comunicação da expressão vocal que dão origem ao potencial de sentido supralinguístico, é necessário criar sinais materiais que produzem outras formas de sentido: na escrita à mão há muitas nuances indicativas de sentido, na impressão há opções de tipos de fonte, *layout* da página, cabeçalhos e rodapés, entre outros. Cada um deles transmite tipos adicionais de sentido sobre a origem histórica do texto, sua autoria individual, o estado do autor (no caso da escrita à mão), quais partes do texto devem ser vistas como mais salientes, ou seja, tudo por meio de recursos não-verbais do texto visível. Segundo Lemke (2002), a língua e a representação visual (imagem) coevoluíram culturalmente e historicamente para complementar e completar uma a outra, para serem coordenadas e integradas, pois fazem parte da prática humana normal de construir significado, estando inseparavelmente integradas na maioria das ocasiões.

Para o autor nenhum texto verbal é uma imagem, nenhum texto produz exatamente o mesmo conjunto de significados como uma imagem e nem o inverso. É essa incomensurabilidade que permite que verdadeiros novos significados sejam construídos a partir da combinação de modos semióticos. Dessa forma, para que o

significado realmente se multiplique através das modalidades semióticas, devem existir alguns denominadores comuns.

Assim, para a análise e compreensão de textos multimodais, Lemke (2002) apresenta, igualmente, três funções simultâneas que são o denominador comum, pelas quais a semiose multimodal produz significados híbridos potencialmente multiplicativos:

- ♦ A representacional apresenta o estado de coisas. Com base na teoria de Halliday (1994), Lemke (2002) entende que nós podemos analisar o estado de coisas, principalmente, a partir do conteúdo ideacional dos textos, o que tais textos dizem de processos, relações, eventos, participantes e circunstâncias. Para imagens, o autor assevera com Kress e van Leeuwen (1996), podem-se aplicar os mesmos termos, reconhecendo aquilo que é mostrado ou retratado, quer figural ou abstrato;

- ♦ A orientacional nos indica o que está acontecendo no relacionamento comunicativo e que postura seus participantes têm um com o outro e com o conteúdo apresentado. Esta é a função pela qual obtemos orientação em relação ao outro, no que se refere à ação e ao sentimento e à comunidade na qual vivemos, considerando nossas atitudes e valores. A função orientacional se equivale à metafunção interpessoal da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) para a linguagem verbal, na qual a comunicação é guiada pelos papéis de fala: está sendo oferecido algo para nós ou algo está sendo solicitado de nós? Estamos sendo tratados intimamente ou com distanciamento, respeitosamente ou com desdém? Nós conseguimos determinar o que está acontecendo, de acordo com o estado de coisas e qual retórica e discurso estão sendo usados. Visualmente, a imagem, também, media entre os criadores e os espectadores um relacionamento retórico ou comunicativo presumível e projeta uma postura ou ponto de vista, tanto para o espectador como para o conteúdo apresentado na imagem;

- ◆ A organizacional serve como plano de fundo ou estrutura básica para a integração das outras duas funções, permitindo que elas alcancem maiores graus de complexidade e precisão. Esta função organiza as unidades estruturais, que são contíguas em textos ou em imagens, e geralmente contém elementos que são diferenciados em função (sujeito/predicado na oração; primeiro plano/segundo plano na composição da imagem). Podem ser também, elos ou cadeias coesivas que podem estar distribuídas, em vez de estarem contíguas e cujas similaridades das características unem trechos mais longos de texto ou de imagem mais extensa, como uma unidade ou um todo (repetição de palavras e sinônimos - para o recurso verbal; unidade de paleta – para o recurso visual).

De acordo com Lemke (2002), no processo de construção de sentido as funções representacional, orientacional e organizacional não são independentes uma da outra e apesar das combinações possíveis não ocorrerem com igual probabilidade, funcionalmente, cada uma nos auxilia a interpretar as outras. Ou como afirma Bressane (2007):

[...] uma produção hipermídia que privilegie a representação, mas não construa significados orientacionais adequados ou tenha problemas na organização das informações, não alcançará seus propósitos, por mais persuasivas que sejam as escolhas visuais, verbais e/ou gráficas. (BRESSANE, 2007, p. 153-154).

Lemke (2002) acredita que uma análise multimodal deva se iniciar pela função organizacional, já que esta é a estrutura mais saliente que guia nossos olhos através da página, além, ainda, de ter um sentido instrumental, pois a função organizacional serve como meio para fins das funções representacional e orientacional.

Por este motivo, também, selecionamos o recurso semiótico organizacional como ferramenta de análise do dicionário *online* LEO. A função organizacional corresponde à função composicional proposta por Kress e van Leeuwen (2006) em sua Gramática do Design Visual. Conforme os referidos

autores, a função composicional relaciona os significados representacionais e os interacionais da imagem entre si, através de três sistemas interrelacionados:

- 1) O Valor Informacional: são atribuídos valores informacionais específicos aos elementos representados, em função de seu posicionamento em uma imagem: esquerda e direita, topo e base, centro e margem. Quando as imagens estão posicionadas na horizontal ou na vertical, elas são denominadas de polarizadas e, centralizadas quando a imagem estiver localizada no centro. De acordo com os autores, o posicionamento dos elementos influi no sentido do todo.

Esquerda e direita:

Quando os elementos estão à esquerda, eles são apresentados como o Dado, uma informação familiar, conhecida pelo leitor; os elementos à direita apresentam o Novo, algo que ainda não é conhecido pelo leitor, algo que ele precisa prestar atenção.

Topo e base

Quando numa composição visual, os elementos estão posicionados no topo da imagem, estes são apresentados como o Ideal, isto é, a essência da informação idealizada ou generalizada e, por isso é a parte mais saliente da imagem, enquanto que, os que estão posicionados na base da imagem são apresentados como o Real, fornecendo as informações mais específicas, mais detalhadas e mais práticas. Os elementos na base são subordinados aos elementos no topo.

Centro e margem:

Segundo os autores, quando os elementos estão posicionados no centro, o elemento central é chamado de núcleo da informação e todos os outros elementos ao seu redor, nas margens, são dependentes do elemento central e, em muitos casos, quando as margens são idênticas ou muito similares entre si, não há, então, a necessidade de uma divisão entre os elementos Dado e Novo, Ideal e Real.

- 2) A Saliência: quando os elementos são feitos para atrair a atenção do leitor em diferentes graus, através de fatores como posicionamento em primeiro ou segundo plano, tamanho, contrastes de tom e de cor, diferenças na nitidez, entre outros. Independentemente de onde os elementos estejam posicionados, a saliência pode criar uma escala de hierarquia de importância entre eles ao selecionar alguns como mais importantes ou mais dignos de atenção do que outros. Assim, o Dado pode ser mais saliente do que o Novo ou vice-versa ou ambos podem estar igualmente salientes. O mesmo aplicando-se ao Ideal e Real, Centro e Margem.

- 3) O Enquadre: em conformidade com Kress e van Leeuwen (2006), o enquadre é o terceiro elemento-chave da composição. Trata-se da presença ou ausência de dispositivos de enquadre que conectam ou desconectam os elementos da imagem. Esses dispositivos podem ser: linhas divisórias, enquadres distintos, espaços em branco entre os elementos, discontinuidades de cor, vetores, entre outros. Segundo os autores, outro dispositivo de conexão importante é a repetição de cores e formas em elementos diferentes da composição, chamada pelos autores de rima visual.

No capítulo da análise, propriamente dita, do dicionário *online* LEO, retomamos essas categorias de análise quando apresentarmos o sistema de significado organizacional.

Uma vez expostas as teorias de nossa fundamentação, relacionamos, a seguir, tais teorias às características do dicionário *online* em geral.

2.3 Relação entre as teorias apresentadas e o dicionário *online*

Em capítulo anterior, no qual tratamos da tipologia de dicionários voltada para os tradutores, percebemos que o tradutor profissional, ao realizar seu trabalho, é levado a se sentar a sua mesa de trabalho com todos os dicionários citados a sua frente, num verdadeiro labor, feita de pesquisa, tentando realizar o mais rápido possível sua tradução. Essa prática, atualmente, tornou-se totalmente inviável, pois a globalização e a tecnologia da informática geraram um volume muito grande de informação, exigindo traduções na mesma rapidez em que negócios são realizados e informações e conhecimentos são transmitidos, somados ao fato de que o “vocabulário de uma língua também se renova com grande velocidade” como afirma Biderman (2001, p.18).

De forma que, o computador e a internet tornam-se outra ferramenta do tradutor ao possibilitar a velocidade de pesquisa, o acesso a bancos de dados terminológicos e a dicionários eletrônicos.

Deste modo, as obras lexicográficas, atualmente, possuem dois suportes: o impresso e o eletrônico. Muitas das características do dicionário eletrônico se dão em razão de seu suporte: o hipertexto. Autores, como Storrer (2001), acreditam que a analogia entre o dicionário e o hipertexto, já preconizada por Lévy (1993), em que os verbetes do dicionário são ligados entre si através de remissões, tipificando uma leitura não-linear característica do hipertexto, foi um fator determinante para que os dicionários aderissem ao hipertexto.

Dentre os tipos de hipertexto existentes, classificamos os dicionários eletrônicos da seguinte forma: ao hipertexto fechado enquadrados os dicionários

off-line (versão em CD-ROM de dicionários impressos por editoras de renome e os portáteis)¹² e, ao hipertexto aberto, os dicionários *online* (acessíveis na internet).

Tanto os dicionários *off-line* quanto o *online* têm características que se assemelham. No entanto, os dicionários *off-line* nem sempre podem ser atualizados, a menos que a editora ofereça a possibilidade de atualização via internet, além do fato de os *links* serem possíveis somente dentro da própria obra.

O acesso aos dicionários *online* pode ser feito de duas maneiras:

1. Restrito - Através de consulta aos *sítes* especializados, como centros universitários, instituições públicas e privadas e diretórios específicos. Em alguns destes, o consulente só precisa se cadastrar para ter acesso gratuito, ao passo que outros só podem ser acessados mediante pagamento de uma taxa de adesão.
2. Aberto –
 - i. Através de uma ferramenta de busca como Google, Yahoo etc.;
 - ii. Ou direto por meio da URL (Localizador Padrão de Recursos) do dicionário desejado. Estas duas últimas formas de acesso são, em geral, diretas e gratuitas.

Os campos de estudo da Metalexigrafia estão concentrados, em geral, nos dicionários impressos. Porém, desde o surgimento da tecnologia da informática, determinados autores, alguns já mencionados neste trabalho, vêm se dedicando à análise das obras lexicográficas existentes no suporte eletrônico, em especial, o dicionário *online* e, para isso, fazem uso da base teórica já desenvolvida pela Metalexigrafia para o suporte em papel. Assim, ao enumerarem as características do dicionário *online*, essas análises tendem a tecer comparações com o dicionário impresso.

12 Sobre os dicionários portáteis, Welker (2008) informa que são pequenos aparelhos, parecidos com calculadoras eletrônicas, também, chamados de tradutores portáteis, com uma macroestrutura de mais de 100.000 verbetes.

Dentre tais trabalhos, está o de Casañas (2002), no qual são ressaltadas as seguintes características do dicionário *online*:

- a) Facilidade de manejo – comparado à rigidez do suporte impresso o processo de consulta e de acesso às informações lexicográficas é facilitado pelo fato do hipertexto possibilitar o armazenamento de um número incontável de páginas. Esta vantagem do suporte permite que as informações lexicográficas de uma palavra-entrada sejam apresentadas de forma completa, facilitando a recepção e, principalmente, a produção de textos;
- b) Múltiplos acessos às informações e diversas rotas de leitura – segundo a autora, a consulta ao dicionário impresso tem como principal obstáculo o acesso à informação por uma só rota, geralmente a alfabética e por uma porta (a palavra-entrada), fazendo com que o consulente siga por um só itinerário: a leitura de cada entrada através da microestrutura. No suporte informático, a obra lexicográfica permite chegar às entradas por rotas diferentes (alfabéticas, conceituais) e o acesso às informações por diversas portas (qualquer campo da microestrutura ou qualquer palavra de uma entrada) e as rotas ao longo de seus dados se realizam ao se seguir uma infinidade de caminhos (saltos hipertextuais dentro e fora da mesma obra)¹³, convertendo uma única obra em muitas obras de consulta, no trajeto das investigações e soluções pessoais do consulente;
- c) Saltos hipertextuais – o dicionário em suporte impresso só permite as remissões como salto hipertextual, indicadas pela letra v., por um asterisco etc., que remetem o consulente ao conteúdo da obra (como o índice de ilustrações, a tabela de conteúdo, entre outros). No entanto, estes saltos são sempre fixos, ou seja, estão dentro da mesma obra e são realizados manualmente, resultando em pouca agilidade nas consultas e uma quantidade limitada de possibilidades.

¹³ Por saltos hipertextuais, entende-se que são deslocamentos entre um texto e outro, característicos da leitura não-linear. (PREMAOR, 2004, p. 18).

O número de saltos hipertextuais que se pode realizar no dicionário *online* é praticamente ilimitado, pois o autor/produtor do dicionário pode remeter o consulente para dentro da mesma obra, através de seus *links* internos, como também, o próprio consulente, por meio da função de busca, pode se deslocar para outras informações sobre a palavra-entrada;

- d) Saltos reticulares – os saltos hipertextuais podem ser feitos, também, fora da própria obra, com *links* externos levando a outras obras conectadas na *web*. Estes saltos hipertextuais através da *web*, que a autora chama de saltos reticulares, isto é, em forma de rede, proporcionam a possibilidade de reunir na tela as páginas de diversas obras referentes a uma mesma palavra-entrada ou a exemplos dessa palavra-entrada. As rotas pelas diversas páginas da *web* podem ser múltiplas e o próprio consulente decide quais seguir, de acordo com seu interesse pessoal;
- e) Multidicionário – outra virtude do dicionário em formato *online* é que ele pode ser ao mesmo tempo um dicionário geral e muitos dicionários especiais, tanto pelo tipo (sinonímico, etimológico, dialetal etc.), como pelo nível das informações dadas (acepções principais, terminológicas, subentradas compostas etc.). Desse modo, pode-se ter uma versão informatizada da qual se extrai a informação necessária para cada consulente. Cada um, numa mesma obra, pode encontrar o tipo e o nível que lhe convenha; pode decidir a classe de definição que queira (definição de língua restrita, definição por perífrase, definição sinonímica, definição enciclopédica etc.), o nível de classificação gramatical, a quantidade de exemplos, a presença ou não de sinônimos, de etimologia, de transcrição fonética (e o tipo de transcrição) etc., personalizando, assim, o dicionário de acordo com o conteúdo;
- f) Multimídia – a possibilidade de multimídia é outra das vantagens do dicionário eletrônico face ao impresso. A multimídia permite facilitar a

informação em diferentes meios não suscetíveis de armazenamento no suporte de papel. Apesar do dicionário em papel conter texto e imagem e, assim, ser considerado multimídia, o dicionário em suporte eletrônico possibilita a integração de som e imagens em movimento, o que contribui para o melhor esclarecimento das informações lexicográficas. Ressaltamos que para o ambiente da *web*, o termo empregado é hipermídia, conforme expusemos anteriormente.

- g) Interação e atualização - ao longo do tempo muitas palavras se tornam obsoletas, enquanto outras novas surgem e não figuram no dicionário impresso até uma nova edição. O fato de que o suporte, no qual o dicionário *online* se materializa é o único, a partir do qual todos os consulentes se servem, ou seja, todos lêem o mesmo exemplar que existe no servidor, também, facilita enormemente sua possibilidade de atualização. Assim, uma obra nunca está finalizada, mas vai se atualizando e evoluindo constantemente. Esta facilidade de evolução e atualização abre novas perspectivas dialéticas em sua confecção. Cria-se uma interação entre consulente-autor que facilita que as pessoas interessadas possam contribuir com dados que se refletem de maneira praticamente imediata na obra atualizada.

A partir das características gerais do dicionário *online* aqui elencadas, percebemos que estamos diante de um novo dicionário, muito diferente daquele que conhecemos em meio impresso. A tecnologia computacional provê a esse tipo de dicionário um novo formato, uma vez que seu suporte permite a integração de diferentes representações semióticas que coexistem com a mensagem escrita e que assumem várias funções e sentidos.

No entanto, Casañas (2002) faz, ainda, observações pertinentes ao uso do suporte hipertextual, dada a grande variedade de dicionários existentes na *web* que não se utilizam de todos os recursos que o suporte oferece e, conseqüentemente, apresentam diferentes níveis de complexidade e sofisticação que geram distintos graus de visualização, exploração e rendimento. Também Storrer (2001), afirma que o potencial do hipertexto, ainda, vem sendo parcialmente

usado para a produção de dicionários eletrônicos, tanto para os disponíveis na WWW, como para aqueles em CD-ROM.

Ambas as autoras compartilham da conclusão de que o motivo disso acontecer é que muitos dicionários eletrônicos não passam de uma digitalização de sua versão impressa, em razão desta última, ser a principal fonte de rendimento que a editora lexicográfica tem.

A exceção, segundo Casañas (2002), fica por conta dos dicionários multilíngues ou bilíngues, elaborados por organizações independentes na Europa, que têm os tradutores como público-alvo, no qual a busca pode se dar a partir da palavra-entrada ou por alguma palavra contida em uma das definições, além de permitirem a escolha do idioma de origem e de destino e, muitas vezes, possibilitarem filtros, de acordo com a área temática, que restringem os campos de busca.

Com relação aos dicionários *online* de editoras de renome, da época dos artigos das autoras, acima citadas, até a atualidade, muitos deles apresentam um avanço e já fazem uso dos *links* em sua composição, o que os situa na segunda geração de hipertextos, citada neste trabalho em referência ao artigo de Primo e Recuero (2006). No entanto, é possível encontrar, alguns ainda, que se encontram na primeira geração, a que é vinculada ao meio impresso e que não faz uso de *links*. Em Gläser (no prelo), fazemos uma comparação entre alguns dicionários *online*, levando em conta as diferentes gerações da tecnologia hipertextual, referida no trabalho de Primo e Recuero (2006).

Essa conclusão demonstra que, atualmente, apesar de estarmos vivenciando a terceira geração do hipertexto, a da *web 2.0*, poucos são os dicionários *online* que se encontram nessa fase. Só para lembrar, essa fase da tecnologia hipertextual tem a escrita colaborativa como característica principal, ou seja, o leitor pode interferir no *site* ao inserir seus próprios *links*. Esse aspecto, ressaltado por Casañas (2002), pode gerar certa falta de confiabilidade no dicionário que disponibiliza essa possibilidade, pois se não houver um controle de qualidade por parte do autor da obra, como o consulente poderá acreditar nas informações

obtidas, já que uma das funções de um dicionário é ser normativo, isto é, autorizar ou desautorizar o uso das palavras de uma língua? O Wikcionário¹⁴ é um bom exemplo desse tipo de obra.

Em relação ao LEO – o dicionário analisado neste estudo -, trata-se de um dicionário que já nasceu *online* criado por uma organização independente, voltado para o público tradutor, mas não unicamente. Seu consulente não pode inserir *links*, diretamente, no corpo do dicionário, somente por e-mail, podem ser sugeridas entradas novas ou doações de bancos de dados. No entanto, no fórum podem ser adicionados *links* dos endereços das fontes, das quais seus participantes retiraram suas respostas. Por isso, consideramos este dicionário enquadrado na terceira geração do hipertexto, por permitir tanto a colaboração indireta, por meio de e-mails, como também, direta, através do fórum.

Findamos aqui o percurso teórico que acreditamos dar sustentação para a análise do nosso *corpus* de pesquisa. Passamos, a seguir, às decisões metodológicas adotadas.

¹⁴ Wikcionário, disponível em:

(http://pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:P%C3%A1gina_principal)

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia adotada no desenvolvimento da pesquisa, bem como o dicionário e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Os dois objetivos deste trabalho consistem das seguintes questões: o primeiro, caracterizar os aspectos estruturais lexicográficos do dicionário *online* LEO: <http://dict.leo.org> e sua adaptação ao novo suporte; e o segundo, analisar a relação da estrutura lexicográfica com o recurso semiótico organizacional e suas funções comunicativas para a construção de sentido.

Assim, em termos metodológicos, por se tratar de uma análise descritiva, interessada em descobrir e interpretar a composição e as características do dicionário em questão, esta pesquisa é de natureza qualitativa, de acordo com Rudio (1996). Gostaríamos, também, de justificar a escolha por esse dicionário, pelo fato desse ser detentor de características que fornecem os elementos necessários para fins da análise à luz do arcabouço teórico que fundamenta este estudo.

3.1 Sobre o dicionário *online* LEO

Em conformidade com as informações acerca de sua história, disponibilizadas pelo *site* do dicionário, o LEO (<http://dict.leo.org/>) foi desenvolvido, inicialmente, na Universidade Técnica de Munique (TUM) em 1995, como dicionário bilíngue *online*, exclusivamente, de alemão-inglês/inglês-alemão e com um número pequeno de entradas. Após um curto período de tempo, rapidamente foram incorporadas 170.000 palavras. Ao longo dos anos, o dicionário passou por muitas mudanças até o presente momento, desde a tecnologia do provedor, o *software* do fórum de discussões até a inclusão dos dicionários bilíngues alemão-francês/francês-alemão, alemão-espanhol/espanhol-alemão (este último lançado em 2006), em abril de 2008 os dicionários: alemão-chinês/chinês-alemão e alemão-

italiano/italiano-alemão e, em abril de 2010 os dicionários: alemão-russo/russo-alemão.

Portanto, conforme a escolha do consulente, o idioma alemão é combinado em pares com outros seis idiomas, contendo traduções nas duas direções em cada par de idiomas, traduções de termos, que englobam a palavra-entrada, pertencentes a vários campos de especialidade, além de *links* para outros dicionários que fornecem informações de dicionário monolíngue geral e para fonética sonora, além de um *link* para um fórum de discussão, no qual os consulentes, após a inscrição gratuita, trocam informações ou compartilham suas dúvidas e perguntas sobre os significados ou traduções de palavras, fraseologias, expressões idiomáticas ou de termos técnico-científicos que não constem no dicionário. Ao acessar cada dicionário bilíngue, o consulente visualiza o número de entradas e de consultas diárias para cada um.

Com relação ao fórum de discussões, segundo as informações constantes em seu *síte*, essa ferramenta visa servir como um instrumento de intercâmbio de conhecimentos linguísticos e culturais entre os consulentes do LEO, sendo gratuita a sua inscrição, bem como, o seu uso. Sua estrutura - composta pelos seguintes tópicos: temas de tradução, língua e cultura, vocabulário do LEO, comentários sobre o LEO e entretenimento (sala de *chat*) -, permite que o consulente, ao escolher um dos tópicos, possa fazer perguntas sobre a tradução de palavras e expressões, costumes, soluções para problemas gramaticais ou trocar opiniões com outros consulentes.

Além dos seis dicionários bilíngues e do fórum de discussões, o LEO disponibiliza uma ferramenta para exercício de vocabulário, denominada de *trainer*, que possibilita aos consulentes, aprendizes dos idiomas disponibilizados, estabelecerem grupos de estudo e fazer o *upload* de seus próprios exercícios e lições.

Em 2006 o LEO tornou-se uma empresa independente (Leo GmbH – Empresa de Responsabilidade Limitada) para assim liberar o potencial crescente dos serviços relacionados ao dicionário que já não eram mais possíveis dentro da

universidade. O *site* do dicionário veicula a identificação por nomes próprios de toda sua equipe profissional. Desde o início das atividades até os dias atuais, houve a transferência progressiva da equipe de coordenação, mas a ideia de prover um recurso grátis para todos permaneceu imutável.

Até esta data (29 nov. 2010), segundo os dados constantes no *site* (figura 2), o dicionário bilíngue inglês-alemão/alemão-inglês contém acima de 600.000 entradas; o dicionário alemão-francês/francês-alemão acima de 200.000; o dicionário alemão-espanhol/espanhol-alemão acima de 150.000; o dicionário alemão-italiano/italiano-alemão acima de 140.000; o dicionário alemão-chinês/chinês-alemão acima de 130.000; e, finalmente, o dicionário alemão-russo/russo-alemão acima de 80.000. O número de consultas diárias ao LEO passa de 10.000.000 somando-se as consultas a todos os seis dicionários.

O LEO é administrado por uma equipe de profissionais de diferentes competências, responsáveis pelos setores de gestão, tecnologia da informação, administração e redação (nesse setor não é mencionado, se os responsáveis pelos diferentes idiomas são lexicógrafos). Uma vez que se trata de um dicionário de acesso gratuito, o investimento de recursos humanos e financeiros para sua produção é viabilizado pelo espaço que é destinado à propaganda nos lados direito e esquerdo da página do *site*. Do lado esquerdo, encontramos anúncios, disponibilizados pelo “Google”, contendo propaganda de cursos de línguas e de viagens com fins linguísticos; e o lado direito da página do *site* está reservado para anúncios de empresas de tradução. Todos os anúncios contêm *links* externos.

3.2 Procedimentos

Como o dicionário em questão, até a presente data (29 nov. 2010), não contempla o idioma português, escolhemos o par de idiomas alemão-inglês/inglês-alemão, pois, em primeiro lugar, este é o par de idiomas que contém maior número de vocábulos, provavelmente, por ter sido o primeiro a ser elaborado e, em segundo lugar, pelo fato de, pessoalmente, ser este par de idiomas de que mais fazemos uso na tarefa tradutória.

Com o intuito de facilitar a leitura deste trabalho, demos preferência, em especial, à direção inglês-alemão, e mais, especificamente, optamos por escolher a versão da página e de todas as instruções de uso do dicionário na língua inglesa, por entendermos que o idioma inglês é mais difundido no Brasil do que o idioma alemão.

A porta de entrada do LEO é sua *home page* que traz as últimas notícias e novidades de lançamento promovidas pela instituição. Essa página já abre automaticamente no dicionário bilíngue inglês-alemão/alemão-inglês. Caso o consulente queira acessar os outros dicionários bilíngues, ele poderá fazê-lo por meio de um clique na barra de navegação dos idiomas. Sua *home page* contem, igualmente, a caixa de entrada para inserção da palavra-entrada, na qual, também, constam o número de consultas diárias e o número de entradas, números esses que são atualizados diariamente. Há, ainda, a barra de navegação contendo as instruções de uso do dicionário. Como nosso foco de pesquisa é o dicionário propriamente dito, não faremos a análise da *home page* do LEO. (Ver a figura 2 abaixo)

LEO An Online Service by LEO GmbH

English Forums | Trainer French Forums | Trainer Spanish Forums | Trainer Italian Forums | Trainer Chinese Forums | Trainer Russian Forums | Trainer

Advanced search

Deutsche Version News 603,642 entries 8,304,575 queries

Mehr von der Welt.
Von Anfang an.

Advertisement

Search tips | Abbreviations | New entry | Report mistakes | FAQ | Useful links | Contact

Toolbars | Lion | Smart-phones | Statistics | LEO's history | Contributions | Advertising

News

New words and financial glossary 24 November 2010

Amortisation

Amortisation (amortisation; cancellation):

1. Auch im Deutschen manchmal gebrauchter anderer Ausdruck für Abschreibung.
2. Die Tilgung einer in Geldeinheiten ausgedrückten Schuld in Teilzahlungen an den Gläubiger.
3. Die gerichtliche Kraftlosklärung eines (verloren gegangenen) Wertpapiers, in der älteren Literatur oft Mortifikation (cancellation) genannt.
4. In alten Dokumenten auch jede Übertragung von

Thanks to numerous forum suggestions and vocabulary donations, the numbers of dictionary entries have once again crossed "magic" thresholds:

English	600,000
French	200,000
Spanish	150,000
Italian	140,000
Chinese	130,000
Russian	80,000

Prof. G. Merk from the University of Siegen has kindly given us permission to integrate the glossary of his financial dictionary in LEO which means in addition to the definitions of economic terms supplied by Gabler Verlag (see News 2009), several thousand German definitions from the world of finance are now linked with our entries in the menu behind the buttons.

Advertisement

Google-Anzeigen

Miami Beach Languages
English, Spanish, Conversation
227 9th Street, Miami Beach, FL
www.southbeachlanguages.com

Spanish School Offers
Spanish Courses in Buenos Aires
125 USD Special Offer! 2010
www.iberospanish.com

Portuguese Translation
Translate Single Words & Full Text
In 1 Click! Get Your Free Download!
Babylon.com

Learn English Online
7 Steps To Powerful English Conversation. Guaranteed Results.
LearnReaEnglish.com

Please note as well:

- Sprachreisen & Auslandspraktikum
- Sprachaufenthalte in Malta
- Nachhilfe - Die Schülerhilfe
- Sprachreisen & Sprachkurse mit iSt
- Lingualand Sprachreisen

Das Career Camp 'Finance Transformation | CFO Strategy' Kitzbühel, 25. - 27.02.2011: Jetzt bewerben!

Capgemini Consulting

Advertisement

LEO is supported by:

USV **MASTER GUARD** Schutz von

ÜBERSETZUNGEN Alle Sprachen [DIN]

collocated by **EXCHANGE**

Sprachausgabe hier testen! **linguatec**

Fachübersetzungen Zertifiziert nach DIN EN 15038 IT, Teko, Health, Finance, Automotive

Englisch lernen mit Videos + Grammatik **dalango**

claudio.de - Bestseller in jedem Format!

Figura 2 – (Tela da home page com destaque para o cursor piscando - coletada em 29 nov. 2010)

Dentre tantas possibilidades de escolha de uma palavra-entrada, optamos pela palavra-entrada “house”, por se tratar de uma palavra comum e de fácil entendimento.

Feita a busca pela palavra-entrada “house”, coletamos diversas telas no mês de novembro de 2010. Iniciamos nossa análise pelo primeiro de nossos objetivos que é o de caracterizar a organização estrutural (a mega, médio, macro e microestruturas), mediante a apresentação das telas contendo os resultados da busca, nas quais fazemos uso de setas, círculos e bordas na cor vermelha (na versão original) para destacarmos como essas estruturas se fazem presentes no LEO, seguidas da análise e de comentários. Da mesma forma, analisamos sua natureza hipermodal e sua relação com a estrutura lexicográfica, a saber, os três

sistemas do recurso semiótico organizacional: o Valor Informacional, a Saliência e o Enquadre; e a relação organizacional entre os *links*.

4 ANÁLISE DO DICIONÁRIO EM ESTUDO

Neste capítulo, a partir da busca pela palavra “*house*”, apresentamos a análise de sua estrutura lexicográfica, bem como, de sua natureza hipermodal, em conjunto com as telas do dicionário *online* LEO que foram coletadas.

4.1 Caracterizando a estrutura lexicográfica do LEO

Vamos, rapidamente, relembrar a organização estrutural de um dicionário:

Welker (2004) designa o termo megaestrutura como sendo o conjunto formado pelos textos externos, correspondente ao prefácio, introdução, entre outros (como vimos no capítulo em que tratamos do dicionário) e a macroestrutura (a nomenclatura do dicionário). No LEO não há uma nomenclatura em ordem alfabética para se procurar uma palavra determinada, o consulente precisa digitar a palavra na caixa de entrada e, depois de dar o *enter*, obtém uma lista, exibida em uma tabela, com todas as ocorrências dessa palavra e suas traduções, vamos chamar essa lista de ocorrências de macroestrutura.

O sistema de remissões chamado, também, de medioestrutura, em dicionário *online* se dá através do uso de botões de *links* que remetem seu consulente de um lugar a outro tanto para dentro da mesma obra, como para outras obras de referência, caracterizando as remissões internas e externas, respectivamente.

Por último, a microestrutura em dicionários bilíngues é composta pelas traduções ou equivalentes da palavra-entrada, em conformidade com Xatara (2001).

Uma vez escolhido o dicionário bilíngue, a busca da palavra pode ser feita em qualquer um dos dois idiomas do dicionário bilíngue escolhido, caracterizando a bidirecionalidade simultânea – língua materna para a língua estrangeira e vice-versa. (Figura 3)

The screenshot shows the LEO Online Service interface. At the top, there are language selection buttons for English, French, Spanish, Italian, Chinese, and Russian. Below this is a search bar with the word 'House' entered. A red arrow points to the search bar with the text 'Caixa de entrada para inserção da palavra-entrada'. To the left of the search bar, there is a 'Deutsche Version News' link, which is circled in red. A red arrow points from this link to the text 'Escolha do idioma no qual se quer ler o dicionário'. Below the search bar, there is a 'Megaestrutura' link, also circled in red, with a red arrow pointing to a box containing various navigation links like 'Search tips', 'Abbreviations', 'New entry', etc. The main content area shows search results for 'House' in English and German, including direct matches and additional matches.

ENGLISH	GERMAN
109 search results	
Direct matches	
Nouns (4 of 4)	
<input type="checkbox"/> house also: HOUSE - a family or family lineage	das Geschlecht - Sippe
<input type="checkbox"/> the house (also: House of) - family	das Geschlecht
<input type="checkbox"/> house [comm.]	die Handelsfirma
<input type="checkbox"/> house - pl. houses	das Haus - pl. die Häuser
Verbs (5 of 5)	
<input type="checkbox"/> to house [tech.]	anordnen ordnete an, angeordnet
<input type="checkbox"/> to house	aufnehmen nahm auf, aufgenommen
<input type="checkbox"/> to house so.	jmdn. beherbergen beherbergte, beherbergt
<input type="checkbox"/> to house sth. (in sth.) - encase sth.	etw. ^{Akk.} (in etw. ^{Akk.}) einbauen baute ein, eingebaut
<input type="checkbox"/> to house so.	jmdn. unterbringen brachte unter, untergebracht
No base forms found	
Additional matches	
Nouns (68 of 508)	
<input type="checkbox"/> open house (Amer.)	Tag der offenen Tür
<input type="checkbox"/> house advertising	die Eigenwerbung
<input type="checkbox"/> house advertising	Werbung für das eigene Haus
<input type="checkbox"/> house agency	die Hausagentur
<input type="checkbox"/> house agent - estate agent (Brit.)	der Häusermakler
<input type="checkbox"/> house air waybill [comm.]	eigener Luftfrachtbrief
<input type="checkbox"/> house air waybill [comm.]	der Hausluftfrachtbrief

Figura 3 – (Tela contendo a busca coletada em 22 nov. 2010)

Textos externos (Megaestrutura)

Conforme a figura 4 abaixo, cada uma das âncoras de *links* na megaestrutura esclarece as dúvidas do consulente quanto ao uso do dicionário. Por exemplo, para:

- ♦ Dicas de busca – esclarecimento sobre as funções básicas e instruções de busca
- ♦ Abreviaturas – ao clicar neste botão, o consulente tem acesso às abreviaturas usadas no corpo central do dicionário, referentes às marcas de uso
- ♦ Nova entrada - para o consulente sugerir uma nova palavra-entrada
- ♦ Relato de erros – para relato de erros ortográficos ou de tradução evidentes

- ◆ Dúvidas mais frequentes – perguntas sobre o uso do fórum, entre outras
- ◆ *Links* úteis – os produtores do LEO disponibilizam neste botão uma lista de *links* para várias obras de referência, dicionários especiais etc.
- ◆ Contato – para comentários ou perguntas o consulente pode enviar e-mail
- ◆ Barra de ferramentas – o consulente que quiser integrar-se a diferentes sistemas operacionais, pode clicar nesse botão e obter mais informações
- ◆ Lion – informações para baixar o programa Lion e sua aplicação em conjunto com o LEO
- ◆ *Smartphones* - informações sobre a versão otimizada do LEO para *Smartphones*
- ◆ Estatística – dados estatísticos sobre as consultas ao LEO
- ◆ História do dicionário – desde sua criação até os dias atuais
- ◆ Contribuição – lista de colaboradores e informações sobre como o consulente pode doar sua lista de palavras de própria autoria
- ◆ Publicidade¹⁵ – informações comerciais sobre anúncios publicitários em seu *site*.



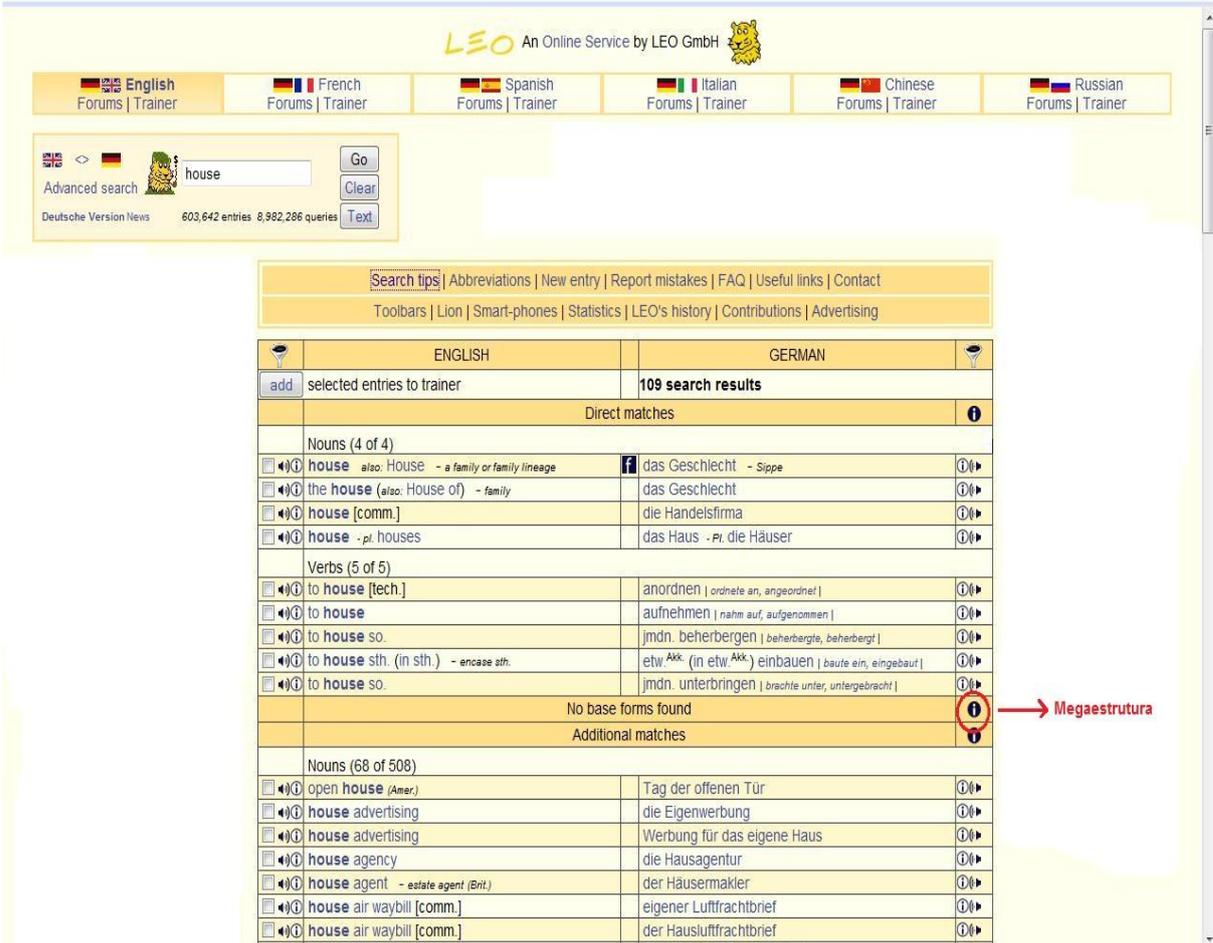
Figura 4 (Destaque da megaestrutura)

Ao contrário de um dicionário impresso, em que os textos externos – contendo orientações para o manuseio da obra, apêndices e anexos - são encontrados tanto nas páginas iniciais quanto nas partes interpostas e finais, o consulente do LEO terá acesso a esses textos através das âncoras de *links* que vão abrir uma nova página para cada um dos itens acessados.

¹⁵ A tradução de todo conteúdo do *site* do LEO é de nossa responsabilidade.

Os idiomas usados no detalhamento dessas informações são: alemão, inglês, francês, espanhol, italiano, chinês e russo, que o consulente pode escolher através de um clique no dicionário bilingue desejado.

Na tabela da lista de ocorrências (macroestrutura) há, também, o símbolo . Ao clicar nesse botão, o consulente tem acesso a outro texto externo, próprio da megaestrutura, contendo observações explicativas sobre a organização dos resultados de busca. (Figuras 5 e 6 abaixo).



LEO An Online Service by LEO GmbH

English Forums | Trainer French Forums | Trainer Spanish Forums | Trainer Italian Forums | Trainer Chinese Forums | Trainer Russian Forums | Trainer

Advanced search Go Clear Text

Deutsche Version News 603,642 entries 8,982,286 queries

Search tips | Abbreviations | New entry | Report mistakes | FAQ | Useful links | Contact

Toolbars | Lion | Smart-phones | Statistics | LEO's history | Contributions | Advertising

ENGLISH	GERMAN
add selected entries to trainer	109 search results
Direct matches	
Nouns (4 of 4)	
house also: HOUSE - a family or family lineage	das Geschlecht - Sippe
the house (also: House of) - family	das Geschlecht
house [comm.]	die Handelsfirma
house - pl. houses	das Haus - Pl. die Häuser
Verbs (5 of 5)	
to house [tech.]	anordnen ordnete an, angeordnet
to house	aufnehmen nahm auf, aufgenommen
to house so.	jmdn. beherbergen beherbergte, beherbergt
to house sth. (in sth.) - encase sth.	etw. ^{Akk.} (in etw. ^{Akk.}) einbauen baute ein, eingebaut
to house so.	jmdn. unterbringen brachte unter, untergebracht
No base forms found	
Additional matches	
Nouns (68 of 508)	
open house (Amer.)	Tag der offenen Tür
house advertising	die Eigenwerbung
house advertising	Werbung für das eigene Haus
house agency	die Hausagentur
house agent - estate agent (Brit.)	der Häusermakler
house air waybill [comm.]	eigener Luftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Hausluftfrachtbrief

→ Megaestrutura

Figura 5 – (Destaque para o símbolo  - tela coletada em 22 nov. 2010)

Advanced search

Deutsche Version: Neueste 607,292 entries 290,400 queries

"Spuren hinterlassen" -
der McKinsey-Workshop zum Thema Tourismus.

Advertisement

Advertisement

Google-Anzeigen

Learn English Vocabulary
The Secrets To Learning Vocabulary
Faster. Free Email Course.
LearnRealEnglish.com

English Phrases
Speak Excellent English
8 Secrets to Your Success.
chris-flowenglish.blogspot.com

English Grammar Checker
Correct All Grammar Errors And Enhance Your English. Try Now!
www.Grammarly.com/Grammar_Checker

Learn French for free
Learn words and phrases easily and connect with others at Babbel
www.babbel.com

Please note as well:
-Nachhilfe - Die Schülerhilfe
-Sprachreisen & Sprachkurse mit iST
-Linguland Sprachreisen und Sprachschulen
-Sprachcafé - Sprachreisen & Sprachkurse
-anders Englisch lernen
-Leiterplatten - Discount
-Cambridge, TOEFL & andere Sprachtests
-GratisEbook: Englisch ohne Vokabelpauken
-Au Pair in den USA - kostenlose Broschüre
-Sprachreisen & Auslandspraktikum

Search tips | Abbreviations | New entry | Report mistakes | FAQ | Useful links | Contact
Toolbars | Lion | Smart-phones | Statistics | LEO's history | Contributions | Advertising

Information on the order of search results

Basic overview

Search results are categorised into the following groups (in order of appearance)

- **Direct matches**
- **Possible base forms**
- **Other matches**
- **Information relevant to your search**

Results for *Direct matches* and *Other matches* are again split into categories ('nouns', 'verbs', 'phrases', 'examples', etc.) and sorted alphabetically within the different categories, with articles ('the', 'der', 'eine', etc.) and placeholders ('so/sth.', 'etw.', etc) being treated as irrelevant.
If a search yields no results in any one category, a message to that effect will be displayed below the relevant category ("No direct matches found", etc.).

Direct matches

Direct matches are entries that match all the search terms. These may also include placeholders ('etw.', 'so/sth.') and/or articles ('der', 'eine').

There is a limit to the number of entries that appear under the title *direct matches*. If the maximum number of *direct matches* is exceeded, the results in this section may include direct matches from more than one category (nouns, verbs, etc.). This ensures that even if a category should contain a large number of *direct matches*, all categories can be seen at one glance or with a little scrolling - even with a low screen resolution (see picture below). This aspect increasingly gains in importance not least because of the continuing rise in the number of queries from small-screen devices (smart-phones, PDAs, web-enabled mobile phones).

If there are more *direct matches* than fit into the topmost section of the search results table, matches that appear further down in the alphabet will be listed at the top of the *other matches* category. Whether all the *direct matches* in a category are listed in one section can be seen by the numbers '(x of y)' behind the category: if $x = y$, all the relevant matches are shown.

The following picture shows the results for the word "die" in the German-English dictionary. As you can see, only 12 of 31 nouns are listed under *direct matches*. If all 31 nouns were displayed, the search results in the categories *verbs*, *adjectives/adverbs*, *prepositions/pronouns* would be moved further down. The remaining direct matches in the noun category appear at the top of the list of *other matches*.

Advertisement

中国长城的尽头在哪里

Advertisement

LEO is supported by:

colocated by
IP EXCHANGE

Sprachausgabe hier testen!
linguatec

Fachübersetzungen
Zertifiziert nach DIN EN 15038
IT, Tele, Health, Finance, Automotive

Englisch lernen
dalango mit Videos + Grammatik

claudio.de - Bestseller
in jedem Format!

USV **MASTER**
Schutz von **GUARD**

ÜBERSETZUNGEN
Alle Sprachen [DIN]

Figura 6 – (Tela contendo informações explicativas coletada em 16 nov. 2010)

Macro e Microestruturas

Ao entrarmos com a palavra “house” na caixa de entrada, obtém-se a lista de ocorrências, própria da macroestrutura, em ordem alfabética que inclui os substantivos, os verbos, substantivos compostos, verbos compostos, adjetivos, advérbios, locuções e expressões, colocações, fraseologismos, exemplos, juntamente com suas traduções para o alemão, conforme as figuras 7, 8, 9 e 10 abaixo.

LEO An Online Service by LEO GmbH

English Forums | Trainer
French Forums | Trainer
Spanish Forums | Trainer
Italian Forums | Trainer
Chinese Forums | Trainer
Russian Forums | Trainer

Deutsche Version News 603,642 entries 8,982,286 queries

[Search tips](#) | [Abbreviations](#) | [New entry](#) | [Report mistakes](#) | [FAQ](#) | [Useful links](#) | [Contact](#)
[Toolbars](#) | [Lion](#) | [Smart-phones](#) | [Statistics](#) | [LEO's history](#) | [Contributions](#) | [Advertising](#)

ENGLISH	GERMAN
109 search results	
Direct matches	
Nouns (4 of 4)	
house <small>also: HOUSE - a family or family lineage</small>	das Geschlecht - Sippe
the house <small>(also: House of) - family</small>	das Geschlecht
house [comm.]	die Handelsfirma
house - pl. houses	das Haus - Pl. die Häuser
Verbs (5 of 5)	
to house [tech.]	anordnen ordnete an, angeordnet
to house	aufnehmen nahm auf, aufgenommen
to house so.	jmdn. beherbergen beherbergte, beherbergt
to house sth. (in sth.) - encase sth.	etw. ^{Akk.} (in etw. ^{Akk.}) einbauen baute ein, eingebaut
to house so.	jmdn. unterbringen brachte unter, untergebracht
No base forms found	
Additional matches	
Nouns (68 of 508)	
open house <small>(Amer.)</small>	Tag der offenen Tür
house advertising	die Eigenwerbung
house advertising	Werbung für das eigene Haus
house agency	die Hausagentur
house agent - estate agent <small>(Brit.)</small>	der Häusermakler
house air waybill [comm.]	eigener Luftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Hausluftfrachtbrief

Macroestrutura - Lista de palavras contendo o vocábulo da busca

Medioestrutura - remissão externa por meio do botão "i" e do altofalante que remetem para dicionários monolíngues da língua inglesa e para a fonética sonora britânica e americana

Microestrutura - tradução de todas as ocorrências

Medioestrutura - remissão interna através do botão "f" que remete para o fórum

Figura 7 – (Destaque da organização estrutural – 1ª tela da busca coletada em 22 nov. 2010)

-Linguland Sprachreisen und Sprachschulen
-Sprachcafé - Sprachreisen & Sprachkurse
-anders englisch lernen

house air waybill [comm.]	eigener Luftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Hausluftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Spediteurluftfrachtbrief
house arrest	der Hausarrest
house at the corner	das Eckhaus
house attachment [constr.]	das Abspanngestänge
house attachment [constr.]	die Hausstütze
house automation	die Haustechnik
house bank [bank.]	die Hausbank
house bar	die Hausbar
house bill	aufs eigene Haus gezogener Wechsel
house boat	das Hausboot
house book	das Hausbuch
house builder	der Bauherr
house building	die Bebauung
house building	der Wohnungsbau
house call	der Hausbesuch
house cat	die Hauskatze
house chimney [tech.]	der Hausschornstein
house cleaning	der Hausputz
house connection [telecom.]	der Hausanschluss
house connection	die Hauseinführung
house connection box [tech.]	der Hausanschlusskasten
house connection costs pl.	die Hausanschlusskosten Pl.
house construction	die Bebauung
house counsel [law]	der Unternehmensjurist
house cricket [zool.]	die Hausgrille <small>wiss.: Acheta domestica</small>
house cricket [zool.]	das Heimchen <small>wiss.: Acheta domestica</small>
house detention [law]	der Hausarrest
house drainage [tech.]	die Hausentwässerung
house dust mite [biol.]	die Hausstaubmilbe
house dust mite allergy [med.]	die Hausstaubmilbenallergie
house end [arch.]	die Giebelwand
house eroding redundancy pay [finan.]	das Hausgeld
house flag [naut.]	die Reedereiflaque

Internet | Modo Protegido: Ativado 100%

Figura 8 (2ª sequência da tela de busca)

Ao lado de cada uma dessas categorias é exibido o número de resultados encontrados no banco de dados. No caso dos substantivos compostos, por exemplo, foram encontrados 508, mas exibidos somente 68. O consulente tem acesso ao restante ao clicar na palavra *more*. (Ver abaixo as figuras 11 e 12)

The screenshot shows the LEO Online Service interface. At the top, there are navigation links for various languages: English, French, Spanish, Italian, Chinese, and Russian. A search bar contains the word 'house'. Below the search bar, there are statistics: '603,642 entries 8,982,286 queries'. The search results are displayed in a table with two columns: ENGLISH and GERMAN. The table is divided into sections: 'Direct matches' and 'Additional matches'. The 'Direct matches' section includes 'Nouns (4 of 4)' and 'Verbs (5 of 5)'. The 'Additional matches' section includes 'Nouns (68 of 508)'. The number '68 of 508' is circled in red in the original image.

ENGLISH	GERMAN
109 search results	
Direct matches	
Nouns (4 of 4)	
house <i>also: House - a family or family lineage</i>	das Geschlecht - Sippe
the house <i>(also: House of) - family</i>	das Geschlecht
house [comm.]	die Handelsfirma
house <i>- pl. houses</i>	das Haus - pl. die Häuser
Verbs (5 of 5)	
to house [tech.]	anordnen ordnete an, angeordnet
to house	aufnehmen nahm auf, aufgenommen
to house so.	jmdn. beherbergen beherbergte, beherbergt
to house sth. (in sth.) - encase sth.	etw. ^{Akk.} (in etw. ^{Akk.}) einbauen baute ein, eingebaut
to house so.	jmdn. unterbringen brachte unter, untergebracht
No base forms found	
Additional matches	
Nouns (68 of 508)	
open house <i>(Amer.)</i>	Tag der offenen Tür
house advertising	die Eigenwerbung
house advertising	Werbung für das eigene Haus
house agency	die Hausagentur
house agent - estate agent <i>(Brit.)</i>	der Hausmakler
house air waybill [comm.]	eigener Luftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Hausluftfrachtbrief

Figura 11 – (Número de resultados - tela coletada em 22 nov. 2010)

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house martin [zool.]	die Mehlschwalbe <small>wiss.: Delichon urbica [Ornithologie]</small>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house mite [biol.]	die Hausmilbe	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house mite [biol.]	die Wohnungsmilbe	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house mouse [zool.]	die Hausmaus <small>wiss.: Mus musculus</small>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house number	die Hausnummer	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house number supplement	die Hausnummeregänzung	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	the house of	der Stamm	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house of so's birth	das Geburtshaus	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house of cards <small>also [fig.]</small>	f das Kartenhaus	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	House of Commons [pol.] <small>(Brit.)</small>	Britisches Unterhaus	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	House of Commons [pol.] <small>(Brit.)</small>	das Unterhaus	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house of the estates [pol.]	das Ständehaus	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	House of Lords [pol.] <small>(Brit.)</small>	das Oberhaus	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	house of pleasure	das Freudenhaus	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	the House of Representatives <small>- lower house of US Congress [pol.]</small>	das Repräsentantenhaus	<input type="checkbox"/>
more >>				
Verbs (22 of 22)				
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to have a house built	ein Haus bauen lassen	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to attend the House	im Parlament anwesend sein	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to bring down the house [fig.]	stürmischen Beifall ernten	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to bring the house down	stürmischen Beifall ernten	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to burgle a house	in ein Haus einbrechen	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to co-house an animal with an animal [zool.]	f ein Tier mit einem Tier vergesellschaften <small>(Tierhaltung)</small>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to eat so. out of house and home [fig.]	jmdm. die Haare vom Kopf fressen [fig.]	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to get on like a house on fire [coll.]	dicke Freunde sein	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to get on like a house on fire [coll.]	sich gut verstehen	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to house-train an animal <small>(Brit.)</small>	ein Tier stubenrein machen	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to keep house	den Haushalt führen	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to keep house	wirtschaften <small>wirtschaftete, gewirtschaftet</small>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to let a house	ein Haus vermieten	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to let a house furnished	ein Haus möbliert vermieten	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to be master in one's own house [fig.]	f Herr im eigenen Hause sein [fig.]	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to move house	umziehen <small>zog um, umgezogen</small>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to move house	zügeln <small>(Schweiz)</small> <small>zügeln, gezügelt</small>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to occupy a house	ein Haus bewohnen	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to play house	Vater-Mutter-Kind spielen	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to potter round the house <small>especially (Brit.)</small>	f im Haus herumwerkeln	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to search a house	ein Haus durchsuchen	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	to vacate a house	ein Haus freimachen <small>(auch: frei machen)</small>	<input type="checkbox"/>

Figura 12 – (Destaque para a palavra “more” - tela coletada em 29 nov. 2010)

Tanto na macroestrutura quanto na microestrutura, o LEO disponibiliza, também, uma ferramenta que ajuda a filtrar a busca, pois como percebemos pela sequência de telas mostrada acima, a lista de ocorrências da palavra *house* é bastante volumosa, de forma que o consulente pode se valer dessa ferramenta para restringir e facilitar sua busca, de acordo com seus interesses. Assim, ao clicar no símbolo do funil , abre-se um menu suspenso contendo os campos de domínio e, uma vez escolhido um dos domínios, o consulente visualiza somente a macro e a microestrutura para aquele domínio. (Ver as figuras 13 e 14 abaixo, na figura 14 escolhemos o domínio “comercial” e a lista de ocorrências diminuiu para quatro palavras).

Vom 13. bis 16. Januar 2011 in Kitzbühel.
Bewerben Sie sich bis zum 12. Dezember 2010

Advertisement

Search tips | Abbreviations | New entry | Report mistakes | FAQ | Useful links | Contact
Toolbars | Lion | Smart-phones | Statistics | LEO's history | Contributions | Advertising

ENGLISH GERMAN

add selected entries to trainer 109 search results

Direct matches

house	das Geschlecht - <i>Sippe</i>
the house (a	das Geschlecht
house [comm.]	die Handelsfirma
house - <i>pl. h</i>	das Haus - <i>Pl. die Häuser</i>

Nouns (4 of 4)

- [comm.]
- [tech.]
- [constr.]
- [bank.]
- [telecom.]

Verbs (5 of 5)

- [law]
- [zool.]
- [biol.]
- [med.]
- [arch.]
- [finan.]
- [naut.]
- [fig.]
- [pol.]
- [coll.]

No base forms found

Additional matches

open house	Tag der offenen Tür
house adver	die Eigenwerbung
house advertising	Werbung für das eigene Haus
house agency	die Hausagentur
house agent - <i>estate agent (Brit.)</i>	der Häusermakler
house air waybill [comm.]	eigener Luftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Hausluftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Spediteurluftfrachtbrief
house arrest	der Hausarrest

Chinese advertisement: 中国长城的尽头在哪里

Advertisement: LEO is supported by: IP EXCHANGE, linguattec, Fachübersetzungen, dalango, claudio.de - Bestseller in jedem Format!, USV MASTER GUARD, ÜBERSETZUNGEN Alle Sprachen [DIN]

Figura 13 – (Destaque do menu suspenso de filtro - tela coletada em 16 nov. 2010)

LEO An Online Service by LEO GmbH

English Forums | Trainer French Forums | Trainer Spanish Forums | Trainer Italian Forums | Trainer Chinese Forums | Trainer Russian Forums | Trainer

Advanced search house Go Clear Text

Deutsche Version News 603,642 entries 8,885,987 queries

Search tips | Abbreviations | New entry | Report mistakes | FAQ | Useful links | Contact
Toolbars | Lion | Smart-phones | Statistics | LEO's history | Contributions | Advertising

ENGLISH GERMAN

add selected entries to trainer 109 search results

house [comm.]	die Handelsfirma
house air waybill [comm.]	eigener Luftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Hausluftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Spediteurluftfrachtbrief

Filter

- [comm.]
- [tech.]
- [constr.]
- [bank.]
- [telecom.]
- [law]
- [zool.]
- [biol.]
- [med.]
- [arch.]
- [finan.]
- [naut.]
- [fig.]
- [pol.]
- [coll.]

Figura 14 – (Tela com o resultado do filtro coletada em 22 nov. 2010)

Medioestrutura

Todas as palavras dentro da macro e da microestrutura são âncoras de *links*, ou seja, ao clicar em qualquer uma delas, o consulente pode fazer uma nova busca de palavra-entrada, caracterizando a remissão interna, própria da medioestrutura, que remete o consulente para dentro da mesma obra lexicográfica, ou seja, para dentro do LEO. (Figuras 7, 8, 9 e 10).

A remissão externa em sua medioestrutura ocorre através do botão  (conforme a figura 7), pelo qual encontramos as seguintes opções hipermediáticas de consulta disponibilizadas através de um menu suspenso: acesso para a fonética sonora britânica em mp3, cuja fonte é o próprio LEO; *link* para o dicionário monolíngue inglês “*Macmillan Dictionary*” para a definição e fonética sonora britânica; *link* para o dicionário monolíngue inglês “*Merriam Webster*” para a definição e fonética sonora americana; *link* para o tesouro monolíngue inglês “*Merriam Webster*” contendo sinônimos, antônimos; *link* para o dicionário especial “*Online Etymology Dictionary*” para a etimologia da palavra-entrada. Ao disponibilizar vários tipos de dicionários, o LEO obtém a característica de multidicionário, ao mesmo tempo em que lhe creditam confiabilidade, já que se trata de dicionários *online* de editoras de renome. (Figura 15 abaixo).

Vom 13. bis 16. Januar 2011 in Kitzbühel.
Bewerben Sie sich bis zum 12. Dezember 2010

Advertisement

Search tips | Abbreviations | New entry | Report mistakes | FAQ | Useful links | Contact
Toolbars | Lion | Smart-phones | Statistics | LEO's history | Contributions | Advertising

ENGLISH GERMAN

add selected entries to trainer 109 search results

Direct matches

Nouns (4 of 4)

house also: House - a family or family lineage das Geschlecht - Sippe

the house / House of ... das Geschlecht

house Irma

house die Häuser

Ver Find out more Source

Engl. Aussprache: LEO

(mp3)

Definition/Pronunciation (British): MACMILLAN DICTIONARY

house

Definition/Pronunciation (American): Merriam Webster

house, House

Thesaurus Merriam Webster

Synonyms, Antonyms:

house, House

Etymology:

house

house eigener Leasingvertrag

house air waybill [comm.] der Hausluftfrachtbrief

house air waybill [comm.] der Spediteurluftfrachtbrief

house arrest der Hausarrest

house at the corner das Eckhaus

house attachment [constr:] das Abspanngestänge

house attachment [constr:] die Hausstange

Advertisement

中国长城的头头在哪里

Advertisement

LEO is supported by:

located by

EXCHANGE

Sprachausgabe hier testen!

linguatec

Fachübersetzungen

Zertifiziert nach DIN EN 15038

IT, Teko, Health, Finance, Automotive

Englisch lernen

mit Videos + Grammatik

dalango

audio.de - Bestseller

in jedem Format!

USV

Schutz von

MASTER GUARD

ÜBERSETZUNGEN

Alle Sprachen [DIN]

Figura 15 – (Remissão externa - tela coletada em 16 nov. 2010)

Abaixo da lista de ocorrências, encontram-se, ainda, as seguintes informações de busca opcionais pertencentes à medioestrutura interna (ver figura 16 abaixo):

Palavras ortograficamente similares

Formas básicas de flexão

Temas do fórum contendo o vocábulo da busca

Information relevant to your search	
<p>Medioestrutura</p> <p>Orthographically similar words - English</p> <ul style="list-style-type: none"> house - housed - houses - Houses - youse - souse - douse - rouse - mousse - louse - mouse - chuse - horse - hoise - choose - those - whose - hose - Horse - hocus - hours 	<p>Orthographically similar words - German</p> <ul style="list-style-type: none"> Houses - Mousse - hause - Husse - Hausse - Hose - hosen
<p>Base forms for inflected words - English</p> <ul style="list-style-type: none"> (none) 	<p>Base forms for inflected words - German</p> <ul style="list-style-type: none"> (none)
<p>Forum discussions containing the search term</p> <ul style="list-style-type: none"> Geschlechtertum house sparrow - der Haussperling wiss.: Passer domesticus [Ornithologie] Open House party Der Traum vom Haus - The Dream from the House House accounts Marble House Delta-house way HIS or HIM? A house of two floors house of love back of house My house... betriebliche/überbetriebliche Qualifizierung -> weitere Artikel <p>Fórum</p>	

Conditions of use/data protection | Legal info

Figura 16 (última tela da busca relativa à medioestrutura)

O fórum torna-se um recurso peculiar para o consulente, uma vez que ficam registradas todas as conversas e dúvidas variadas sobre traduções de expressões, colocações, entre outros, retiradas dos trabalhos reais dos tradutores. Dessa forma, tais temas servem como exemplos de uso autênticos¹⁶ e que todos os consulentes têm acesso, pois a ocorrência da palavra-entrada nesses temas fica registrada como um *link*, bastando ao consulente clicar em cima da frase que mais se aproxima de sua própria dúvida quanto ao uso da palavra-entrada e visualizar todas as conversas a respeito, esclarecendo assim, uma provável tradução mais adequada.

¹⁶ De acordo com Pontes (2009, p.214), “O exemplo de uso é um enunciado que se acrescenta à definição para comprovar, ilustrar ou abordar uma palavra-entrada.” Segundo o autor, os exemplos podem ser autênticos, extraídos de *corpora* textuais, orais ou escritos; podem ser fabricados, inventados pelo autor do dicionário; e podem ser adaptados, também, extraídos de *corpora*, mas adaptados pelo lexicógrafo. Ainda, em conformidade com o autor, os exemplos são fundamentais para contextualizar a unidade léxica que representa a entrada e, têm duas funções: função de produção, com a finalidade de auxiliar o consulente em suas produções de enunciados e função de recepção, para aclarar o sentido de uma palavra.

Se mesmo assim, o consulente não encontrar uma solução para sua dúvida, ele pode preferir cadastrar-se e lançar diretamente seu questionamento no fórum, aguardar alguns segundos para, então, receber esta ajuda virtual de um colega de qualquer parte do mundo.¹⁷

A partir dessa análise, percebemos que o LEO explora bem o uso dos recursos hipertextuais para distribuir a estrutura lexicográfica em sua página. Vamos ver a seguir, qual a contribuição de sua natureza hipermodal para a adaptação dessa estrutura.

4.2 Análise da natureza hipermodal do LEO

Como vimos, anteriormente, dois são os tipos de recursos a serem analisados sob a ótica da hipermodalidade: a multimodalidade e a semântica do hipertexto.

Iniciamos pela análise do *layout* do dicionário, levando em consideração os três sistemas organizacionais descritos por Kress e van Leeuwen (2006) e sua relação com a estrutura lexicográfica: o Valor Informacional, a partir do posicionamento no enquadramento da imagem, atribui-se um valor aos elementos representados; a Saliência, o modo como os elementos são representados na imagem para atrair a atenção do leitor; e o Enquadre, o uso de vários dispositivos para associar ou separar os elementos na imagem.

O Valor Informacional

Segundo Kress e van Leeuwen (2006), uma maneira comum de combinar o Dado e o Novo com o Centro e a Margem é a estrutura tríptica – quando os

¹⁷ De acordo com Paiva e Rodrigues Júnior (2004), a palavra fórum quer dizer lugar de reunião, sendo que na internet, trata-se de um espaço virtual que reúne as opiniões de uma comunidade discursiva. De acordo com os autores, nesse espaço pode-se publicar, responder ou apenas ler as mensagens que ficam armazenadas em uma *home page*.

elementos não centrais numa composição centrada são colocados tanto à direita ou à esquerda quanto acima ou abaixo do Centro.

A configuração visual do LEO tem uma estrutura tríptica vertical, simples e simétrica, no esquema Margem – Centro – Margem, conforme a figura 17.

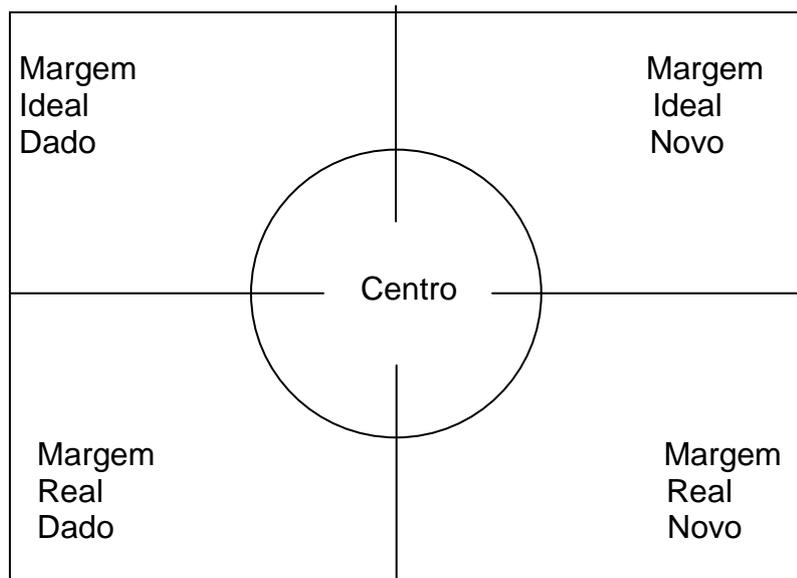


Figura 17 – Estrutura tríptica –

Adaptado a partir do original de Kress e van Leeuwen (2006, p.197).

De acordo com a figura 3, na margem superior, o Dado, representado pela caixa de entrada, na qual o consulente vai digitar a palavra buscada, encontra-se situado no topo da página à esquerda (no domínio do Ideal, como essência generalizada da informação). O Novo, representado pela macro e microestrutura é apresentado em formato de tabela contendo as duas colunas, uma para cada estrutura. A tabela está localizada no centro da página e o consulente sempre vai visualizar do lado esquerdo da tabela a língua inglesa e, do lado direito, a língua alemã, quer a busca se dê na língua inglesa ou na língua alemã. A lista de ocorrências (ou macroestrutura), contendo a palavra “*house*” com suas traduções (ou microestrutura), está distribuída ao longo da página. As informações de ambas as estruturas representadas no Centro constituem o núcleo da informação, segundo Kress e van Leeuwen (2006).

À medida que o consulente busca pela palavra desejada na macroestrutura, que está alfabeticamente ordenada ao longo da tabela, ocorre uma leitura vertical que se realiza por meio do uso da barra de rolagem, já que não é possível visualizar todo o comprimento da página, como vemos na figura 18. Esta forma de leitura é muito semelhante ao dicionário tradicional, no qual a macroestrutura está distribuída em colunas e em ordem alfabética na página e, as informações lexicográficas do verbete referentes à microestrutura estão ao lado da palavra-entrada, resultando em uma leitura horizontal. A diferença é que o consulente desse tipo de dicionário está com toda a obra materializada nas mãos, obtendo, assim, a exata noção do todo. No dicionário *online*, é a barra de rolagem que indica o tamanho da página, servindo como um vetor que direciona para cima e para baixo, segundo Lemke (2002). Assim, tantos os recursos verbais, ordem alfabética da lista de ocorrências, quanto os recursos visuais, barra de rolagem, levam o consulente à leitura vertical desse tipo de obra, ver a figura 18 abaixo.

The screenshot shows the LEO Online Service interface. At the top, there are navigation links for various languages: English, French, Spanish, Italian, Chinese, and Russian. Below this is a search bar with the word 'house' entered. The search results are displayed in a table format, comparing English and German entries. A red arrow points to the scrollbar on the right side of the page, labeled 'Barra de Rolagem'.

ENGLISH	GERMAN
selected entries to trainer	109 search results
Direct matches	
Nouns (4 of 4)	
house also: House - a family or family lineage	das Geschlecht - Sippe
the house (also: House of) - family	das Geschlecht
house [comm.]	die Handelsfirma
house - pl. houses	das Haus - Pl. die Häuser
Verbs (5 of 5)	
to house [tech.]	anordnen ordnete an, angeordnet
to house	aufnehmen nahm auf, aufgenommen
to house so.	jmdn. beherbergen beherbergte, beherbergt
to house sth. (in sth.) - encase sth.	etw. ^{akk.} (in etw. ^{akk.}) einbauen baute ein, eingebaut
to house so.	jmdn. unterbringen brachte unter, untergebracht
No base forms found	
Additional matches	
Nouns (68 of 508)	
open house (Amer.)	Tag der offenen Tür
house advertising	die Eigenwerbung
house advertising	Werbung für das eigene Haus
house agency	die Hausagentur
house agent - estate agent (Brit.)	der Häusermakler

Figura 18 – (Destaque para a barra de rolagem - Tela coletada em 22 nov. 2010)

As discussões do fórum, no qual prevalecem os recursos verbais, contendo a palavra-entrada, estão na base da página (no domínio do Real – subordinadas à palavra-entrada que se encontra situada no topo da página no domínio do Ideal), ou seja, a palavra-entrada sendo usada na prática, exercendo a função de exemplo de uso autêntico. (Figura 16)

A Saliência

Esse sistema é uma característica marcante na construção do LEO. Como ressaltam Kress e van Leeuwen (2006), os diferentes graus de Saliência dos elementos representados conferem, igualmente, diferentes graus de importância e de valor significativo a cada um dos elementos representados.

Todo o plano de fundo do *site* do LEO tem uma cor alaranjada em tom dégradé (variando de suave, levemente forte a forte) que proporciona um sentido de coesão - em que todos os elementos fazem parte de um todo -, e coerência entre os elementos. O tom forte salienta a distinção entre os diferentes temas tratados, como os textos externos ao corpo central do dicionário (megaestrutura), os idiomas, os resultados adicionais e as informações relevantes de busca. Os recursos verbais, em sua maioria exibidos pela fonte na cor azul, indicam os *links* existentes e, todas as ocorrências da palavra-entrada (o Dado), exibidas na macroestrutura, são destacadas pela fonte em tom azul-escuro, denotando sua identificação e maior grau de importância. (Figuras 7, 8, 9, 10 e 16)

A logomarca LEO está associada ao desenho de um leão e, quando passamos o *mouse* por cima do desenho, surge o nome LEO, associando a imagem do desenho ao nome do dicionário (Figura 19 abaixo).

LEO An Online Service by LEO GmbH

English Forums | Trainer French Forums | Trainer Spanish Forums | Trainer Italian Forums | Trainer Chinese Forums | Trainer Russian Forums | Trainer

Advanced search Go Clear Text

603,642 entries 8,992,286 queries

Search tips | Abbreviations | New entry | Report mistakes | FAQ | Useful links | Contact
Toolbars | Lion | Smart-phones | Statistics | LEO's history | Contributions | Advertising

ENGLISH	GERMAN
selected entries to trainer	109 search results
Direct matches	
Nouns (4 of 4)	
house also: House - a family or family lineage	das Geschlecht - Sippe
the house (also: House of) - family	das Geschlecht
house [comm.]	die Handelsfirma
house - pl. houses	das Haus - Pl. die Häuser
Verbs (5 of 5)	
to house [tech.]	anordnen ordnete an, angeordnet
to house	aufnehmen nahm auf, aufgenommen
to house so.	jmdn. beherbergen beherbergte, beherbergt
to house sth. (in sth.) - encase sth.	etw. Akk. (in etw. Akk.) einbauen baute ein, eingebaut
to house so.	jmdn. unterbringen brachte unter, untergebracht
No base forms found	
Additional matches	
Nouns (68 of 508)	
open house (Amer.)	Tag der offenen Tür
house advertising	die Eigenwerbung
house advertising	Werbung für das eigene Haus
house agency	die Hausagentur
house agent - estate agent (Brit.)	der Häusermakler
house air waybill [comm.]	eigener Luftfrachtbrief
house air waybill [comm.]	der Hausluftfrachtbrief

Figura 19 – (Destaque para o nome LEO – tela coletada em 22 nov. 2010)

Como o leão, animal natural, possui a pelagem de cor dourada, acreditamos ser este o motivo pela escolha do plano de fundo de cor alaranjada. O mascote aparece, também, ao lado da caixa de entrada, dessa vez vestindo um boné ou boina e um *kilt*, ambos verdes e quadriculados e fumando um cachimbo, tipificando a cultura britânica. O LEO veste trajes típicos de cada país representado pelas suas bandeiras. Dessa forma, o consulente conecta a bandeira do país e os trajes do mascote ao idioma do dicionário que ele vai consultar. Outro aspecto importante é o olhar do LEO, servindo como um vetor¹⁸ para conduzir a atenção do consulente a um assunto específico: no primeiro caso, o vetor nos dirige à razão social da empresa, autora do dicionário; no segundo caso, o vetor nos guia para a caixa de entrada, na qual o consulente é quem precisa digitar. (Figuras 20 e 21)



Figura 20 (Destaque para o vetor do olhar do LEO)

¹⁸ Kress e van Leeuwen (2006) explicam que quando há um processo de interação entre os elementos ou objetos de uma composição visual, podem ser usados vetores para representar que um elemento está fazendo alguma coisa ao outro ou pelo outro.



Figura 21

(Destaque para a caixa de entrada e o vetor do olhar do LEO – tela coletada em 16 nov. 2010)

Todo esse conjunto de aspectos, como a cor do *layout*, o mascote, seus trajes e seu olhar, estabelecem uma relação interpessoal com o consulente, pois além de conferirem um caráter amigável ao dicionário, fazem o consulente sentir-se bem acolhido.

Ao longo de sua composição, o LEO, também, faz uso de ícones representacionais que ilustram os tipos de informações a serem encontradas por detrás de cada botão, atraindo a atenção do consulente para os diferentes recursos disponibilizados pelo dicionário, conforme descrito, anteriormente, na organização estrutural do dicionário, isto é: para o consulente filtrar sua busca e escolher a área temática, a fim de restringir seu campo de busca, ele pode clicar no botão do funil . (Figura 13)

Ao clicar no botão , que simboliza um altofalante e informações, respectivamente, o consulente tem acesso ao arquivo de fonética sonora, bem como, aos *links* dos dicionários monolíngues e o especial etimológico. O botão  remete o consulente às observações explicativas sobre a organização dos resultados de busca do dicionário; e o botão  remete à conversa do fórum de discussão referente à palavra-entrada específica. (Figuras 5, 7 e 15)

O Enquadre

Outro sistema forte e marcante no LEO é o Enquadre que é realizado não só através dos diferentes tons de cor, mas, também, pelo fato de ele estar organizado em forma de tabela, o que evidencia a repetição do uso de linhas, bordas e colunas para delimitar os diferentes elementos. Entretanto, todo o grupo de

elementos, separado por diferentes linhas de Enquadre, está conectado pelo fundo de coloração alaranjada, que promove um forte senso de unidade e conexão em toda a página, caracterizando o que Kress e van Leeuwen (2006, p. 204) chamam de rima visual. Segundo os autores, esse recurso de conexão-chave se refere à repetição de cores e formas em diferentes elementos da composição com a finalidade de criar um elo coesivo entre os elementos.

A logomarca LEO, o nome da empresa e o desenho do leão estão situados no topo e no centro da página, no domínio do Ideal (conforme a figura 19). Logo abaixo, encontra-se uma barra de navegação horizontal em que os seis idiomas são separados por bordas de Enquadre. Cada Enquadre contém as bandeiras dos países e, as âncoras de *links* para os nomes dos idiomas, fóruns e exercício de vocabulário (*trainer*), sendo que se pode observar uma conexão verbal-visual coesiva entre os nomes dos idiomas e as bandeiras dos países, de acordo com a figura 22 abaixo. A rima visual é caracterizada pelo fundo de coloração levemente alaranjada e pelo tom igualmente alaranjado das bordas de Enquadre, conectando os elementos, apesar de se tratarem de idiomas distintos. Quando o consulente escolhe um dos dicionários bilíngues, neste caso alemão-inglês/inglês-alemão, o Enquadre deste par de idiomas adquire a coloração alaranjada em tom forte, destacando o dicionário que o consulente escolheu, funcionando como uma linha divisória que separa o idioma escolhido dos demais, conforme vemos na figura abaixo:

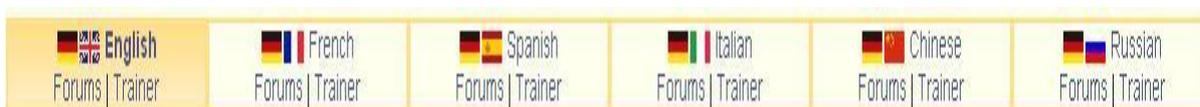


Figura 22 (Destaque para a barra de idiomas)

De acordo com a figura 19, abaixo da barra de navegação contendo os dicionários bilíngues, encontra-se o campo de busca situado à esquerda da página com coloração alaranjada em tom levemente forte e em posição evidenciada devido aos espaços vazios que o cercam, contendo algumas das funções importantes disponibilizadas para o consulente do LEO. Entre elas estão: a caixa de entrada na

cor branca destacando o Dado – a palavra que o consulente vai digitar – e localizada no domínio do Ideal, indicando que se trata da ideia principal ou do ponto de partida.

A imagem da caixa de entrada – considerada uma imagem em *close up* por Kress e van Leeuwen (2006, p. 199) - apresenta, ainda, alto grau de saliência, porque enquanto o consulente não digitar a palavra, o cursor ficará piscando.

Esse Enquadre, ainda, contém as bandeiras dos países referentes ao dicionário previamente escolhido, como também, o número de entradas e consultas do dia, a âncora de *link* para a escolha do idioma que o consulente quer ler as informações do dicionário e a âncora *news* que remete o consulente a uma nova página contendo as notícias de lançamento da empresa. Há, ainda, o botão *clear* que serve para limpar a caixa de entrada, a fim de se digitar uma nova entrada e, finalmente, o botão *go* para iniciar a busca, podendo ser substituída pelo *enter* do teclado. (Figura 19).

Nesse Enquadre existe, também, o botão *advanced search* que ao ser clicado abre um novo Enquadre com características de saliência visual diferentes - na cor azul - que se sobrepõe à tela do dicionário, contendo um menu suspenso que vai possibilitar a configuração do filtro de busca conforme os campos específicos, dentre os quais estão: opções de busca - nesse campo, o consulente tem a opção de: não visualizar as palavras na macro e microestruturas como *links* -; uso da língua; categoria gramatical; e área de domínio. (Figura 23 abaixo)

LEO An Online Service by LEO GmbH 

English Forums | Trainer French Forums | Trainer Spanish Forums | Trainer Italian Forums | Trainer Chinese Forums | Trainer Russian Forums | Trainer

Deutsche Version News 601,282 entries 263,400 queries

McKinsey&Company
Advertisement

Advertisement Search tips | Abbreviations | New entry | Report mistakes | FAQ | Useful links | Contact

Modify search filter

Options	Word class	Domains
<input type="checkbox"/> Do not display matches with single words when searching for multiple words	<input type="checkbox"/> Nouns and noun phrases	<input type="checkbox"/> Humanities & Social sciences
<input type="checkbox"/> Do not hyperlink results	<input type="checkbox"/> Verbs and verb phrases	<input type="checkbox"/> Technology & Applied sciences
Usage	<input type="checkbox"/> Adjectives, adverbs and adjective/adverb phrases	<input type="checkbox"/> Economy & Finance
<input type="checkbox"/> Unterhaltung - coll. fam. hum. sl.	<input type="checkbox"/> Prepositions, pronouns, etc.	<input type="checkbox"/> Natural sciences
<input type="checkbox"/> Gehoben - form. poet.	<input type="checkbox"/> Definitions	<input type="checkbox"/> Arts & Leisure
<input type="checkbox"/> Historisch - obs. dated archaic	<input type="checkbox"/> Abbreviations, symbols, etc.	<input type="checkbox"/> Non-technical usage
<input type="checkbox"/> Nieder - vulg. pej.	<input type="checkbox"/> Phrases and collocations	
	<input type="checkbox"/> Examples	
	<input type="checkbox"/> Inflected forms	

GERMAN	
ts	
Sippe	
Häuser	
n, angeordnet	
uf, aufgenommen	
1 beherbergte, beherbergt	
) einbauen baute ein, eingehaut	
1 brachte unter, untergebracht	
No base forms found	
Additional matches	
Nouns (68 of 508)	
<input type="checkbox"/> open house (Amer.)	Tag der offenen Tür
<input type="checkbox"/> house advertising	die Eigenwerbung
<input type="checkbox"/> house advertising	Werbung für das eigene Haus
<input type="checkbox"/> house agency	die Hausagentur

Fachübersetzungen
 Zertifiziert nach DIN EN 15038
 IT, Telco, Health, Finance, Automotive

Englisch lernen
 mit Videos +
 Grammatik

claudio.de - Bestseller
 in jedem Format!

USV MASTER
 Schutz von GUARD

ÜBERSETZUNGEN
 Alle Sprachen [DIN]

Figura 23 – (Menu suspenso de busca avançada - Tela coletada em 16 nov. 2010)

Ao clicar no botão *text*, abre-se uma grande caixa de entrada, na cor branca e inserida no plano de fundo de tom levemente alaranjado contendo as instruções de uso desse recurso, na qual o consulente vai poder digitar textos, selecionar com o *mouse* a palavra ou a sequência de palavras de busca para, então, serem apresentadas as traduções das palavras que foram selecionadas. A vantagem desse recurso é que o consulente não precisa digitar palavra por palavra na caixa de entrada. É importante assinalar que esse recurso não faz traduções automáticas. (Figura 24)

The screenshot shows the LEO Online Service interface. At the top, there are language selection buttons for English, French, Spanish, Italian, Chinese, and Russian. A search bar contains the text "People who live in gla" and a "Go" button. Below the search bar, there is an advertisement for "Mehr von der Welt." and a section for "Advertisement" with various links like "Learn English Language" and "English Grammar Checker".

The main search results are displayed in a table with columns for English and German. The search term is "People who live in glass houses shouldn't throw stones". The results show two matches:

English	German
Speichern	der ausgewählten Wörter im Trainer
Additional matches	
Phrases/Collocations	
People who live in glass houses shouldn't throw stones.	Wer im Glashaus sitzt, soll nicht mit Steinen werfen.
People who live in glass houses shouldn't throw stones.	Wer im Glashaus sitzt, sollte nicht mit Steinen werfen.

On the right side, there are several advertisements, including "Das Career Camp 'Finance Transformation (CFO Strategy)'" and "Capgemini Consulting".

Figura 24 – (Destaque para a caixa de texto - Tela coletada em 29 nov. 2010)

Ainda na figura 19, mais abaixo, existe outra barra de navegação horizontal, destacada pelo tom alaranjado forte, contendo os títulos das âncoras de *links* relativas às informações referentes aos textos externos ou megaestrutura. O uso da tonalidade de cor forte salienta a importância dessas informações para o consulente, já que tratam da operação e dos recursos disponíveis, como uma espécie de guia do consulente.

Logo em seguida, apresentam-se as macro e microestruturas, enquadradas em uma tabela, resultantes da busca pela palavra “house”. Essa tabela, com colunas e linhas em tons dégradés da cor laranja, está encabeçada pelos nomes dos idiomas que são destacados pelo dispositivo de Enquadre em tom alaranjado forte. O botão do funil para o idioma inglês está situado no mesmo Enquadre à esquerda do nome do idioma e separado por uma coluna. Quando o consulente clica nesse botão, abre-se um novo Enquadre contendo um menu

suspense composto pelas áreas de domínio, conforme descrito anteriormente. Esse Enquadre se sobrepõe à tabela do dicionário e também possui uma saliência visual diferente com três cores: borda superior azul contendo o ícone **X** para fechar o menu, borda laranja contendo o título “**Filter**” e, branco para o menu com as diversas opções de escolha que o consulente pode fazer. (Figura 13)

Do lado esquerdo de cada ocorrência da macroestrutura está o botão   pertencente à medioestrutura, também, separado por uma coluna. Ao clicar-se nesse botão, abre-se um Enquadre, também contendo um menu suspenso, com nova saliência visual, em tom azul e sobreposto à tabela do dicionário, com as diferentes âncoras de *links* de consulta a dicionários monolíngues *online* da língua inglesa, de etimologia e à fonética sonora. (Ver a figura 15)

O conteúdo subsequente às macro e microestruturas, às quais o consulente tem acesso à medida em ele desce a barra de rolagem, desconecta-se da tabela, pois não apresenta as mesmas características, como as linhas e os tons dégradés da cor laranja, apesar de ainda estar contido dentro da mesma borda externa da tabela e de ter o fundo com coloração levemente alaranjada. A desconexão e a mudança de assunto ocorrem pelo destaque da barra horizontal alaranjada em tom forte que encerra o tema: informações relevantes para sua pesquisa, ainda, separadas em duas colunas, tanto para o idioma inglês quanto para o alemão. Novamente aqui o verbal e o visual trabalhando em conjunto para direcionar o consulente no melhor uso do dicionário. (Figura 16)

Ainda, os *links* para as discussões do fórum contendo o vocábulo de busca em diferentes frases, também, estão inseridos na mesma borda externa da tabela, mas já não há mais a separação em colunas entre os dois idiomas, pois os participantes do fórum estão integrados e se comunicam nos dois idiomas. (Figura 16)

Ao longo da exposição do recurso organizacional do *layout* da página do LEO, pôde-se observar que os produtores do dicionário se preocuparam em disponibilizar várias âncoras de *links* que permitem ao seu consulente fazer escolhas pessoais de formas de consulta e de navegação no dicionário.

Vamos, agora, conhecer as relações de sentido entre as unidades de informações através dos *links* do LEO, segundo a semântica do hipertexto, princípio integrante dos pressupostos da hipermodalidade, propostos por Lemke (2002).

A relação organizacional entre os *links*

As âncoras de *links* são, em sua maioria, verbais. Na macroestrutura, observa-se que os *links* verbais realizam a relação de expansão: extensão paratática, pois eles remetem para a tradução (microestrutura) da palavra acessada.

O consulente tem a alternativa de clicar sobre qualquer palavra contida na macroestrutura, como também, na microestrutura. Ao efetuar essa ação, abre-se uma nova página, contendo a busca por ele solicitada, sem qualquer dependência da palavra buscada anteriormente. A organização coesiva da lista de ocorrências (macroestrutura) se baseia na meronímia, pois o consulente acessa cada palavra-entrada que compõe o conjunto do dicionário, como uma parte pertencente ao todo. (Figuras 7, 8, 9 e 10)

Ainda, na macroestrutura e na microestrutura existem alguns *links* visuais:

Na figura 7, no botão  relativo à medioestrutura, verificamos a realização da relação expansão: elaboração e extensão hipotática, visto que o consulente pode escolher qualquer uma das alternativas apresentadas no menu suspenso para acessar as informações detalhadas – fonética sonora, dicionários monolíngues e etimológico - a respeito da palavra-entrada tanto no idioma inglês quanto no idioma alemão. Esse menu está coesivamente ligado ao botão, por uma relação hiponímica, partindo do geral para o específico - o conjunto de informações lexicográficas da palavra-entrada -, o consulente tem acesso a um tipo específico de informação, segundo sua escolha. Para ouvir a fonética sonora gravada em mp3, cuja fonte é o próprio LEO, o consulente só precisa clicar na tecla *play*.

No botão , há uma relação de expansão: elaboração paratática, pois independentemente da palavra-entrada, o consulente tem acesso às observações

explicativas sobre a organização dos resultados de busca no dicionário e a tela do consulente é substituída pela unidade de informação ou nó acessado. Aqui se observa a relação coesiva hiponímica, pois se trata de um tipo de informação específica. (Figuras 5 e 6)

Clicando no botão  realiza-se expansão: elaboração hipotática. O consulente terá acesso unicamente à leitura das mensagens postadas no fórum relativas à determinada ocorrência da palavra-entrada, o que caracteriza a coesão hiponímica, visto que somente um tipo de ocorrência é discutido no fórum. (Figura 7)

Na figura 16, a relação realizada pelas âncoras de *links* verbais, presentes nas discussões do fórum é de expansão: elaboração hipotática, já que funcionam como exemplo de uso subordinada à palavra-entrada. A organização coesiva se baseia na hiponímia, pois cada um dos *links* representa um tipo de dúvida dos integrantes do fórum relativa à tradução da palavra-entrada.

Na barra de navegação da megaestrutura (Figura 4), realiza-se a relação expansão: elaboração paratática, em que cada uma das âncoras verbais de *link* abre uma nova tela contendo as informações relativas ao uso do dicionário. A coesão se dá pela hiponímia, uma vez que as informações estão classificadas por tipo de informação resumida em uma palavra-chave que é a âncora de *link*.

Com base na análise realizada, percebeu-se que a estrutura lexicográfica do dicionário está estreitamente relacionada à função organizacional, construída por meio dos recursos verbais e visuais. Os vários dispositivos organizacionais, disponibilizados pelos produtores do dicionário para o consulente, lhe permitem deslocar-se através de todo o dicionário sem perder a noção de sua localização. A presença desses dispositivos tem o importante papel de construir coesão e orientar o consulente, a fim de que ele tenha acesso às informações por ele procuradas, de forma rápida e legível.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além da consulta aos dicionários tradicionais, o tradutor, atualmente, tem à sua disposição uma infinidade de dicionários *online* monolíngues, bilíngues, multilíngues elaborados tanto pelas editoras dos dicionários já conhecidos do meio impresso, quanto por instituições independentes, ou até mesmo por internautas curiosos e aficionados, que se utilizam da internet para publicar seus glossários ou listas de vocabulário na rede. E, como já mencionado, cada um deles faz uso do novo suporte de formas divergentes, sendo muitas dessas obras lexicográficas apenas a conversão adaptada do meio impresso para a internet, mais parecendo um amontoado de palavras com uma simples caixa de entrada para a busca de palavras, misturado a um monte de anúncios de propaganda que interferem na mensagem lexicográfica e tornam sua leitura e compreensão caóticas.

Nesse ponto, o dicionário *online* LEO nos chamou a atenção, em especial, devido às suas características visuais que organizam suas informações e seus recursos de forma integrada, além de seu alto grau de interatividade. A partir dessa percepção, procuramos, com este estudo, demonstrar que todas as escolhas em relação ao design e de modos de linguagem empregados, tais como, recursos gráficos, imagens, sons e a linguagem verbal, implicam na construção de sentido do texto lexicográfico.

Para esse intento dialogamos com a Metalexicografia e a semiótica social a fim de, primeiramente, identificarmos e caracterizarmos a estrutura lexicográfica no dicionário em questão. No dicionário impresso encontramos tal estrutura, composta pela mega, macro, micro e medioestruturas, materializada em nossas mãos e nos locomovemos através delas folheando o dicionário de trás para diante, motivados pelos recursos visuais e verbais distribuídos ao longo do texto, conforme Pontes (2009), ao discutir sobre a multimodalidade em dicionários escolares.

Entretanto, procuramos entender como essa estrutura do dicionário pode se adaptar ao novo meio, já que o novo suporte leva seu leitor a percorrer trajetórias multilineares para ler as unidades de informação nele contidas. Essa inquietação

nos conduziu a Lemke (2002). Esse autor generaliza a Linguística Sistêmica hallidayana e a gramática do visual de Kress e van Leeuwen com o intuito de desenvolver um método sistemático que ajudasse a entender o potencial de significado da interação entre as palavras, as imagens e os sons ao longo das múltiplas trajetórias de leitura presentes no suporte hipertextual.

Pelo método proposto pelo autor, constatamos que os recursos de design propiciados pela hipermídia, como também, os elementos constitutivos do suporte podem ser usados de forma a organizar grandes quantidades de informações, segundo princípios semântico-funcionais e, assim, produzirem sentidos no texto lexicográfico *online*.

Dessa forma, a partir desta primeira análise, verificamos que no LEO as tonalidades diferentes da cor laranja serviram para destacar e enquadrar em uma barra de navegação os textos externos, relativos à megaestrutura, representados por âncoras de *links* verbais ou por ícones, compreendendo informações pertinentes ao dicionário e ao seu uso. A macro e a microestrutura se encontram enquadradas em uma tabela, na qual a macroestrutura é destacada pela palavra-entrada em fonte azul escuro.

Enquanto no dicionário impresso as remissões, próprias da medioestrutura, ocorrem pela abreviatura de ver ou por asterisco, no LEO todas as palavras contidas na macro e na microestrutura são âncoras de *links* que remetem para novas buscas. Existem, também, ícones que funcionam como pistas visuais, sugerindo um recurso para o consulente clicar e efetuar buscas a outros dicionários disponibilizados, como também, para a fonética sonora.

Muito mais do que recursos de acomodação da estrutura lexicográfica no novo meio, os resultados de nossa análise comprovam, igualmente, que o posicionamento das informações - no topo ou na base da página -, as cores utilizadas, suas nuances, o modo como os elementos estão representados na tela, quer seja por ícones ou por recursos verbais, que salientam o caminho de leitura e, os distintos enquadres e linhas divisórias que associam ou desassocia as informações contidas no dicionário, são importantes dispositivos coesivos

responsáveis por criarem coerência no LEO. Da mesma maneira, identificamos a relação organizacional dos *links*, que relacionam as diversas partes, contidas nas unidades de informação ou nós, com o todo o dicionário, permitindo que seu consulente possa construir sentido entre as informações acessadas.

Todos esses fatores comprovam a hipermodalidade do dicionário *online* LEO, pois tudo o que está sendo mostrado na tela do consulente se apresenta de forma coesa e coerente. A tecnologia da informática, sem dúvida, proporciona criatividade na produção de uma *web site*, mas em se tratando de um dicionário *online*, pudemos observar que todas as escolhas produzem um sentido, ou seja, é necessário que os produtores/autores de um dicionário *online* usem os recursos do novo suporte para distribuir toda sua estrutura lexicográfica de forma organizada e interrelacionada, para que seu consulente reconheça todo o conjunto de informações disponibilizadas.

Por razões de limites de tempo, algumas questões deixaram de ser analisadas com a profundidade necessária, uma vez que se trata de uma análise bastante complexa. Como Lemke (2002) reiterou, a função organizacional serve como plano de fundo para que as outras duas funções, a representacional e a orientacional ocorram. Para preencher essas lacunas, ficam abertas, então, outras perspectivas de estudos futuros, tendo em vista o dicionário *online* LEO.

No entanto, acreditamos que nosso trabalho tenha sido o pontapé inicial para abrir as discussões da Metalexigrafia a outras áreas da Linguística, demonstrando que o dicionário pode ser estudado a partir de vários ângulos, na tentativa de conhecer e avaliar todo o potencial de informações presente, sobretudo, nesse novo tipo de obra que já nasce pensada para o ambiente da *web*.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AQUINO, M.C. Um resgate histórico do hipertexto: o desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes. **UNIrevista**, v.1, n.3, jul. 2006. Disponível em: <<http://www.unirevista.unisinos.br/>> Acesso em: 14 dez. 2009.

ARROYO, G. C. Diccionarios del español en internet. **Biblio 3W**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. 1999. Disponível em: <www.ub.edu/geocrit/b3w-189.htm> Acesso em: 15 abril 2009.

BALDRY, A.; THIBAUT, P. J. **Multimodal transcription and text analysis**. London: Equinox publishing ltd., 2006.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. p. 144-162.

BRESSANE, T. Navegação e construção de sentidos. In: FERRARI, P. (org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 149-164.

BUSH, V. As we may think. **The atlantic monthly**, julho de 1945. Disponível em <<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>> Acesso em: 15 jan. 2010.

CASAÑAS, J. T. i **Los diccionarios en la red**. 2002. Disponível em: <<http://seneca.uab.es/sfi/CURSOWEB/SESIONES/Diccionarios en la Red.pdf>.> Acesso em: 08 abr. 2010.

CASARES, J. **Introducción a la Lexicografía moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008.

DAPENA, J. C. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, S. A., 2002.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais: Reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM.

GLÄSER, R. Sobre as características do dicionário *online*. In: PONTES, A. L.; SANTOS, H. L. G. dos (Orgs.). **Abordagens transdisciplinares em lexicografia: do texto ao hipertexto**. Fortaleza: EdUECE (No prelo).

GOMES, F. G. **Hipertextos multimodais: o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Campinas: IEL/UNICAMP, 2007.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 2004.

HERNÁNDEZ, H. **Los diccionários de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

KEEP, MCLAUGHLIN, & PARMAR. **The Electronic Labyrinth**. Disponível em: <<http://elab.eserver.org/elab.html>> Acesso em: 16 jan. 2010.

KOCH, I. G. V. Hipertexto e a construção de sentido. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n.1, p. 23-38, 2007.

KOMESU, F. Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, J. C.; RODRIGUES, B. B. (orgs.). **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 87-108.

KRÁLIK, M. **Lexicografia española en la red como una herramienta para traductores**. Bratislava. 2007. Tese de Diploma. Disponível em: <<http://diplomovka.sme.sk/zdroj/3030.pdf>.> Acesso em: 15 ago. 2009.

KRESS, G.; LEEUWEN T. v. **Reading images: the grammar of visual design**. New York: Routledge, 2006.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LEMKE, J. L. Travels in hypermodality. **Visual Communication**. Vol. 1, p. 299-325, 2002.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. **Línguas e instrumentos linguísticos**, n.3. Campinas. 1999, p.21-45. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf>.> Acesso em: 26 jan. 2010.

PAIVA, V. L. M. O.; RODRIGUES JÚNIOR, A. S. **Fóruns online: intertextualidade e footing na construção do conhecimento**. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/forum.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2010.

PINHEIRO, R. C. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (orgs). **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. p. 131-146.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

_____. Multimodalidade em dicionários escolares. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. (orgs.). **Ciências do léxico**. Campo grande: Editora da Ufms, 2010. p. 201-218.

PRAXEDES FILHO, P. H. L. Sobre a abrangência da Linguística Sistêmico-Funcional. In: ARAÚJO J. C., BIASI B. R. & DIEB, M (Eds.), **Seminários linguísticos: Discurso, análise linguística, ensino e pesquisa**. Mossoró: Editora da UERN, 2010. p. 305- 325.

PREMAOR, V. B. **Interação usuário-hipertexto em curso *on-line* oferecido pela unisulvirtual**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Unisul, Tubarão, 2004.

PRIMO, A.; RECUERO, R. da C. A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com *links* multidirecionais. *Líbero (FACASPER)*, v. IX, 2006, p. 83-93.

RIGOLIN, D. C. **Saliências visual e subjetiva como elementos norteadores na leitura de hipertextos**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

STORRER, A. Digitale Wörterbücher als Hypertexte: zur Nutzung des Hypertextkonzepts in der Lexikographie. In: LEMBERG, I.; SCHRÖDER, B.; STORRER, A. **Chancen und Perspektiven Computerunterstützter Lexikographie**. Tübingen, 2001. p. 87-104. Disponível em: <<http://www.ids-mannheim.de/pub/online/storrer/wobu.pdf>> Acesso em: 11 out. 2009.

_____ Coherence in text and hypertext. **Document Design**. 3 (2) 2002. p. 156-168. Disponível em: <<http://www.compassproject.net/sadhana/teaching/711readings/storrer.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2010.

TIKTIN, H. Wörterbücher der Zukunft. In: **Germanisch-Romanische Monatszeitschrift** II. Jahrgang. 1910. p. 243-253. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/germanischromani02heiduoft#page/252/mode/2up>> Acesso em: 11 dez. 2010.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

WELKER, H. A. **Panorama geral da lexicografia pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008.

_____ **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, C. M. Os dicionários bilíngues e o problema da tradução. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 181-188.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. p. 170-180.